



CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

CIÊNCIAS HUMANAS

e suas TECNOLOGIAS >>

História

Fascículo 7
Unidades 13 e 14

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Elaboração de História
Gilberto Aparecido Angelozzi
Gracilda Alves
Sabrina Machado Campos
Denise da Silva Menezes do Nascimento
Márcia Pinto Bandeira de Melo
Marcus Ajurum de Oliveira Dezemone
José Ricardo Ferraz
Priscila Aquino da Silva
Inês Santos Nogueira
Renata Moraes
Erika Arantes
Maria José Carvalho
Rafael Cupello Peixoto
Gustavo Souza
Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa
José Meyohas

Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional
Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional
Aline Beatriz Alves

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção
Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades
Andreia Villar

Diagramação
Camille Moraes
Filipe Dutra
Fernanda Novaes
Larissa Averbug
Mario Lima
Núbia Roma

Ilustração
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Renan Alves
Vinicius Mitchell

Produção Gráfica
Patrícia Esteves
Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 13 Cultura e contra cultura nos anos 60	5
--	----------

Unidade 14 Golpes e ditaduras na América Latina	43
--	-----------

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Cultura e contra cultura nos anos 60

Fascículo 7
Unidade 13

Cultura e contra cultura nos anos 60

Para início de conversa...

Você já ouviu falar em alguns desses nomes: Charles de Gaulle, Che Guevara, Fidel Castro, Indira Gandhi, John Kennedy, Martin Luther King, Mao Tsé-Tung, Richard Nixon, Yuri Gagarin? E estes, conhece? Andy Warhol, Beach Boys, Bob Marley, Bob Dylan, Elvis Presley, Frank Sinatra, Janis Joplin, Beatles?

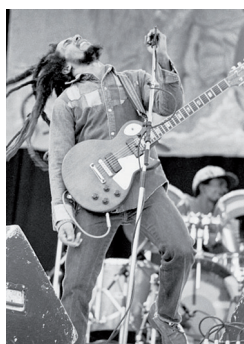


Figura 1: Você conhece algum desses rostos? Ou será que se lembra de já ter visto alguns desses símbolos?

Sim ou Não? Bem, não faz muita diferença se você ainda não os conhece. Agora, depois desta unidade, você saberá quem foram essas pessoas e o significado dos símbolos que entraram para a História.

Se, por acaso, você já ouviu pelo menos três desses nomes, percebeu que o tema da nossa unidade é ANOS 60, período que ficou conhecido como os Anos Rebeldes, pois foram marcados pelos movimentos de contestação da ordem e pela Guerra Fria. Tanto no bloco capitalista como no comunista, o moralismo e o conservadorismo eram uma tônica importante, assim como manter a ordem e a boa vizinhança. E naquele momento, jovens, homossexuais, mulheres e negros reivindicando nas ruas seus direitos e apontando as falhas dos dois modelos econômicos eram vistos como uma ameaça à ordem estabelecida.

Mas os anos de 1960 chegaram e, com eles, milhares de sonhos, utopias, desejos e paixões. Os meios de comunicação avançavam, a aviação comercial crescia e aconteciam os movimentos de libertação das antigas colônias. Moralistas e amantes do amor livre, pacifistas e belicistas, políticos e estudantes, comunistas e capitalistas... Um mundo cheio de contradições e de lutas pela igualdade de gênero, raças e credos. Uma década de quebra de tabus e luta pelo novo. Enfim, o mundo não seria o mesmo depois da década de 60.

Vamos ver o que aconteceu?

Objetivos de aprendizagem

- Avaliar as mudanças sociais e políticas da década de 60;
- Identificar os anos 60 como anos de contestação da ordem estabelecida;
- Descrever os movimentos protagonizados pelos grupos ditos “marginalizados”;
- Relacionar os avanços da ciência diante dos desafios dos anos 60;
- Reconhecer o processo de Contracultura;
- Compreender o que é cidadania;
- Compreender o que é feminismo.

Seção 1

Cultura e contracultura nos anos 60



É proibido proibir

Caetano Veloso

E eu digo sim

E eu digo não ao não

E eu digo: É!

Proibido proibir

E eu digo:

É Proibido proibir

É proibido proibir...

“Duas outras palavras revelam também o espírito dessa década: contestação e rebeldia. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária quanto aquela realizada pela juventude. Ao lado dos hippies e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebeldia dos (...) universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. *O não* unia todos eles” (PAES: 1992, 20).

Mas contra o que essas pessoas estavam se rebelando? Quais eram os padrões? O que os anos 50 deixaram como ordem, ou, dito de outro modo: o que os anos 60 resolveram quebrar? A cultura, o modo de vida “burguês”, a moral e os bons costumes, o encontro com a ordem estabelecida? O desejo de possuir, de consumir, a concentração de poderes em um só gênero ou em um só segmento social? O certo e o errado na forma de pensar e representar o mundo? Tudo isso será combatido nos anos 60, que foram chamados, como já vimos, de Anos Rebeldes.

Nascia uma geração de jovens questionadores da ordem: o que era certo e considerado de bom tom passou a ser criticado, como trabalho, casamento, virgindade, opiniões fechadas sobre o que esperar da vida e do mundo... Os jovens iam para as ruas pedir mais democratização, mais participação política, mais qualidade na educação; mais

oportunidades de mudança para construção de uma nova ordem. Aos jovens juntaram-se negros, mulheres e todos aqueles que se sentiam excluídos das decisões políticas. Nascia o que hoje chamamos **contracultura**!

O que é contracultura?

Contracultura foi um termo usado para caracterizar os diversos movimentos civis e políticos ocorridos durante os anos 60 e 70 do século passado em diversos países do Ocidente. Muitas vezes esse movimento foi chamado de *underground*. Sabe o que significa esse termo? *Abaixo da terra, subterrâneo*, na verdade representava o que estava abaixo do “oficial”, do “permitido”. Já viu a confusão que esse movimento causou, não é? Um movimento marcado pela intensa mobilização e contestação social que usava os novos meios de comunicação de massa. Não podemos esquecer que, até então, esses meios eram utilizados como arma poderosa pelos detentores do poder para impor padrões de comportamento e opiniões a todos que viviam naquele tempo.

A contracultura era uma resposta aos padrões instituídos, uma tentativa de questionar os valores centrais que vigoravam na sociedade. Essas contestações se fizeram mais presentes nos EUA, na Europa Ocidental (principalmente na França), e chegaram, embora com menos intensidade, a outros países do mundo capitalista e socialista. E, assim, vieram as novas formas de se vestir, de se comportar, de viver em comunidade, de ir para as ruas reivindicar com novas palavras de ordem como: paz e amor, amor livre, igualdade racial, igualdade entre os sexos, qualidade de ensino. Podemos destacar entre eles os movimentos antirracismos, os de libertação feminina, os pacifistas como *Power flower*, os movimentos estudantis, entre outros.

Nas artes a *POP ART*, ganhava cada vez mais adeptos. Mas, o que é *POP ART*?

Foi um movimento artístico iniciado na década de 50, que atingiu seu clímax nas décadas de 60 e 70 e defendia a necessidade de a sociedade aceitar a crise pela qual passavam as artes, devido à cultura de massa. No Brasil, em 1965, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ocorreu o OPINIÃO 65, uma exposição que representava a *POP ART* em nosso país.



Figura 3: Pilares de Latas Campbell e Policiais identificados na chacina. Observe as imagens.

A primeira gravura foi elaborada pelo artista Andy Warhol que utilizou a técnica da serigrafia para representar a impessoalidade do objeto produzido em massa para o consumo, como as latas de sopa Campbell. Esta obra ficou conhecida como “Pilares de latas Campbell” no edifício da Academia Real Escocesa Edimburgo.

A segunda gravura é de Rubens Gerchman, e mistura pintura, colagem e vários outros materiais e se chama: “Policiais Identificados na Chacina (Registro Policial)”, 1968.

Meios de comunicação de massa.

Utilizamos o termo acima para denominar todos os veículos (imprensa falada, escrita e televisiva) de difusão de um tipo de cultura chamada cultura de massa. Os meios de comunicação de massa foram criados para definir o tipo de cultura produzida e consumida por uma sociedade que se baseou na produção e consumo de bens. Buscava fazer com que uma forma de pensar e se comportar fosse adotada por toda a sociedade, e para isso se utilizava dos meios de comunicação para veicular valores, padrões e desejos de forma uniforme. Tal produção cultural era utilizada pelos dirigentes da sociedade como forma de dominação da maioria.

A contracultura nasce para criticar esse tipo de cultura e questionar a dominação feita pelos meios de comunicação. Os versos iniciais da música “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho, é uma das muitas críticas a essa sociedade: “Vocês que fazem parte dessa massa / Que passa nos projetos do futuro / É duro tanto ter que caminhar / E dar muito mais do que receber (...) E ver que toda essa engrenagem / Já sente a ferrugem lhe comer (...)”.



Agora é a vez das mulheres gritarem!!!!



Figura 4: Os movimentos femininos ocorreram em muitos países.

"A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi uma era de extraordinária liberalização tanto para os heterossexuais, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens, quanto para os homossexuais. A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não além de outras formas de dissidência cultural-sexual"

(HOBBSBAWM: 2001, p. 316)

As mulheres não ficariam em casa na década de 60. Tinham as ruas para conquistar: queimaram sutiãs, defenderam o direito sobre seu corpo e sua vida, reivindicaram liberdade e direitos iguais. O uso da pílula anticoncepcional (inventada no final dos anos 50) e o "abaixo sutiã" foram importantes símbolos dessa luta. Engravidar ou não, agora poderia ser uma escolha real para a mulher. Este é o momento da contestação contra a dominação sobre o "sexo frágil".

E depois dos gritos das mulheres, vieram os gritos dos negros, homossexuais, jovens...

Os movimentos em busca de reconhecimento dos negros, homossexuais, índios e outros grupos minoritários começaram a ter visibilidade a partir da década de 1950. No Brasil, essa trajetória é marcada por grandes embates nos anos 60, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente dos governos autoritários. Todos eles

buscavam a igualdade perante a Lei para todas as camadas da população independentemente de cor, sexo ou religião.

Um representante dessas lutas foi o pastor Martin Luther King Jr, que conseguiu reunir no dia 28 de Agosto de 1963, mais de 250.000 pessoas em uma marcha pela paz e pelos direitos civis em Washington. Nessa passeata, Luther King fez o seu mais famoso discurso contra o **racismo** iniciado com a frase: **Eu tenho um sonho (I have a dream)** que ecoaria por todo o mundo até levá-lo ao Prêmio Nobel da Paz em 1964. O sonho de Luther King era de uma sociedade mais justa, com igualdade de direitos e o fim dos preconceitos de raça, cor e sexo.

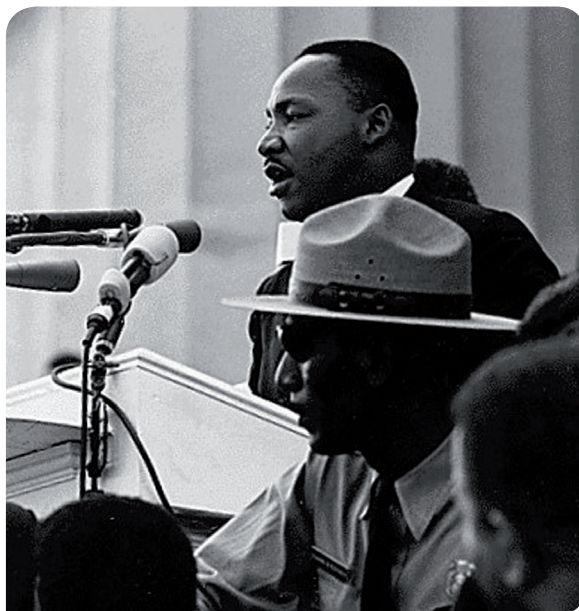


Figura 5: Luther King Jr. proferiu seu discurso "Eu tenho um sonho" em agosto de 1963 frente ao Memorial Lincoln em Washington.

Vocabulário

Racismo: Conforme o artigo 20 da Lei nº 7.716/89, racismo é praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. O crime de racismo será aplicado quando as ofensas venham a menosprezar determinada raça, cor, etnia, religião ou origem. O racismo é um crime inafiançável e imprescritível, o que significa que não cabe fiança e não prescreve nunca, pois a vítima não tem prazo para responsabilizar o autor do crime.

Leia um pouco das suas ideias:

Fragmento do Discurso de Martin Luther King

Eu digo a você hoje, meus amigos, que embora nós enfrentemos as dificuldades de hoje e amanhã. Eu ainda tenho um sonho. (...)

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.

Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade. (...)

Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje!

Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje!

Esta é nossa esperança. Esta é a fé com que regressarei para o Sul. Com esta fé nós poderemos cortar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé nós poderemos transformar as discórdias estridentes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado.

<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>

Você agora já conhece mais um nome da nossa lista inicial!

Mas não pense você que os negros ficaram só nas ações pacíficas. Ao mesmo tempo em que Luther King ganhava o prêmio Nobel da Paz, surgiu o grupo “**Panteras Negras**”, nome original do movimento revolucionário criado na Califórnia e que tinha como objetivo patrulhar os guetos negros para proteger os residentes contra a violência da polícia. Os Panteras Negras se envolveram em vários conflitos com a polícia por causa de suas manifestações, principalmente na década de 1960, quando foram reprimidos, sua liderança dissolvida e o movimento perdeu a simpatia dos negros. Com atividades mais discretas, porém, mais funcionais para suprir as carências dos negros, o **Partido**

manteve-se ativo até a década de 1980.

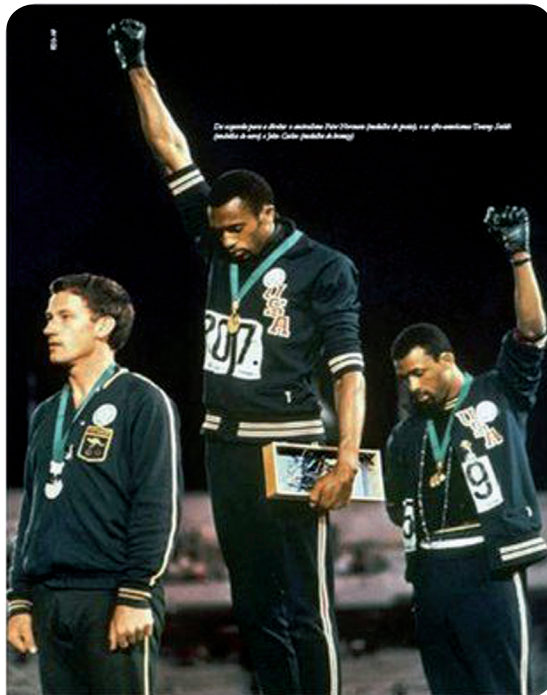
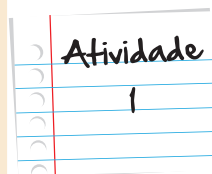


Figura 6: Atletas estadunidenses reproduzindo a saudação do “Black Power” na Olimpíada do México em 1968.

Um pouco mais sobre Martin Luther King

Leia atentamente o discurso de Martin Luther King citado anteriormente e veja se ele representa os interesses das minorias. Depois, retire do texto alguns trechos que mostrem o que jovens, negros e mulheres desejavam: igualdade e justiça social.



Anote suas
respostas em
seu caderno

Agora é a vez dos Jovens! Liberdade é a palavra-chave!



Figura 7: passeata estudantil

Em maio e junho de 1968 os movimentos estudantis explodiram em vários países. França, Itália, Alemanha Ocidental, EUA, Japão, México e Brasil reivindicavam democratização das universidades e liberdade de costumes, contestavam o modo de vida capitalista, além de pedir novo sistema educacional, político, familiar e trabalho mais livre. Mas isso não ficou restrito só ao bloco capitalista, pois ocorreu a chamada **Primavera de Praga**, na capital da Tchecoslováquia.

A “Primavera de Praga” foi um movimento liderado por intelectuais reformistas ligados ao Partido Comunista Tcheco, que teve início em janeiro de 1968 e durou até agosto do mesmo ano. Buscava-se a liberalização política na Tchecoslováquia e o fim do autoritarismo do socialismo tcheco. Durante esse período, o país vivenciou várias reformas como descentralização da economia e democratização política. Conquistaram certa liberdade de imprensa e de expressão. O movimento entrou para história como uma tentativa de criar um socialismo mais humano.

Os movimentos de Maio de 1968 no mundo

Os protestos que varreram o mundo em 1968 não buscavam apenas o estilo de vida chamado “paz e amor”. Aquela geração se permitiu várias experiências e questionou tudo e todos que os impediam de alcançar o sonho da

felicidade. Não importava a espécie de obstáculos que os estivessem impedindo de caminhar, seriam contestados, fossem de ordem política, social, sexual, ideológica ou comportamental.

Era proibido proibir!

Os estudantes franceses, por exemplo, estavam revoltados com a velha e ultrapassada estrutura de ensino e tomaram as ruas com barricadas que ficariam conhecidas como as “barricadas do desejo”. Eles levaram suas reivindicações para além da universidade e, junto aos operários, promoveram a maior greve geral da Europa. O Maio de 1968 em Paris foi uma transformação política e abriu caminho para as futuras e desejadas mudanças sociais e culturais que garantiriam e ampliariam direitos a grupos até então invisíveis como as mulheres, negros e homossexuais. Aliás, era o que dizia outro dos lemas do movimento: “A barricada fecha a rua, mas abre a via”.



Figura 8: Barricada de rua, em Paris, durante os eventos de maio de 1968 na cidade.

Este slogan traduzia toda a oposição da sociedade à guerra e às formas de repressão. O movimento modificaria profundamente os costumes sociais e causaria uma grande revolução na cultura, trazendo para os jovens a oportunidade de flexibilizar as regras, transgredi-las, modificá-las e, sobretudo, experimentar novas formas de se relacionar.



Saiba Mais

Os slogans irreverentes, alegres e provocadores escritos nos muros e cartazes espalhados por Paris foram uma das principais marcas dos protestos de estudantes e operários na França, em 1968. Estas mensagens não eram dirigidas somente ao Governo, aos patrões e às instituições, mas, dirigiam-se, também, aos próprios estudantes e às instituições da esquerda tradicional. Vejamos alguns destes slogans:

"Abaixo a sociedade de consumo."

"Parem o mundo, eu quero descer."

"As armas da crítica passam pela crítica das armas."

"A barricada fecha a rua, mas abre a via."

"O estado é cada um de nós."

"A imaginação toma o poder."

"A mercadoria é o ópio do povo."

"Não mudem de empregadores, mudem o emprego da vida."

"A poesia está na rua."

"O sonho é realidade."

"Só a verdade é revolucionária."

"A arte está morta, não consumamos o seu cadáver. "

"Não tomem o elevador, tomem o poder."

<http://www.dhnet.org.br/desejos/revoluc/mai68slg.htm>

E a caminhada continua...

Outra forma de protesto foi encontrada pelos jovens nos Estados Unidos da América, em 1969, onde ocorreu o Festival de música em *Woodstock*. Com a participação de artistas de diversos estilos musicais, como o *folk*, o *rock'n roll* e o *blues*, as críticas sociais se transformaram na temática do Festival. Woodstock trazia o lado romântico das ondas de protesto dos jovens que contestavam a família e a sociedade. Inspirado nesse ideal surgiu o movimento *hippie*, que centrava suas reformas nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento através da busca de novos canais para que o indivíduo pudesse se expressar.

A influência de Woodstock foi tão grande que ainda hoje se tenta, de vários modos, repetir aqueles encontros de rock.

A década de 1960 registra muitas transformações e mudanças de comportamento que ocorreram entre os jovens e as principais delas traziam uma ideia central, o sentido de comunidade ou tribo que modificariam a forma de

convivência e de estar no mundo. Assim, podemos observar a negação dos valores vigentes, como o individualismo e a competitividade. A busca pela cooperação entre as pessoas era uma ideia nova, base de uma nova ordem coletiva. Os adeptos do movimento hippie passaram a viver em comunidades alternativas, baseadas no culto à liberdade, com a qual eles esperavam modificar a sociedade. Todas estas tentativas e novidades eram expressas no slogan “Paz e Amor”.



Figura 9: O símbolo da paz foi desenvolvido na Inglaterra como logotipo para uma campanha pelo desarmamento nuclear, e foi adotado pelos hippies americanos que eram contra a guerra nos anos 1960.

Em plena Guerra Fria, surgiram os movimentos pacifistas, como *Flower Power*, e ainda protestos contra a Guerra do Vietnã (1959-1975). Tais movimentos recusavam as injustiças e a desigualdade na sociedade; posicionavam-se contra o poder econômico militar, a segregação racial, além de valorizarem a Natureza.

Os hippies, impulsionados pelos protestos contra a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e o racionalismo da sociedade, aplicavam no seu cotidiano princípios como tolerância, liberdade sexual e igualdade entre as etnias e gêneros.



Figura 10: Músico trajado com vestuário hippie.

Seção 2

Cultura e contracultura no Brasil dos anos 60: O que rolava no Brasil....

“Houve um tempo, diz-nos Roberto Schwarz, em que o país estava irreconhecivelmente inteligente. Política externa independente, reformas estruturais, libertação nacional, combate ao imperialismo e ao latifúndio: um novo vocabulário – inegavelmente avançado para uma sociedade marcada pelo autoritarismo e pelo fantasma da imaturidade de seu povo – ganhava a cena, expressando um momento de intensa movimentação na vida brasileira.”

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8)

Mas os acontecimentos de 1964 colocaram um limite nessa inteligência. O golpe de 1964 deu início ao regime militar no Brasil, que duraria até 1985. Porém, leia com atenção:

“O campo intelectual poderá desempenhar então, nessas condições, ainda que de forma não homogênea, um papel de “foco de resistência” à implantação do projeto representado pelo movimento militar”.

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8).

A partir de agora, vamos entrar no Brasil dos anos 60 e verificar os acontecimentos. Nesses anos os brasileiros viram a inauguração de Brasília, a renúncia de Jânio Quadros, a instituição do parlamentarismo, a volta do presidencialismo com João Goulart e, finalmente, o golpe de 1964.

E a cultura como ficou? Ela é a produção de uma sociedade. Com tantos acontecimentos no Brasil e no Mundo, como ficou nossa produção cultural?

A Contracultura no Brasil

Depois que você estudou, na seção anterior, o que foi a contracultura e toda onda de contestação que se espalhou pelo mundo, deve estar se perguntando: será que esses movimentos chegaram ao Brasil?

Sim, claro! Embora não com os mesmos contornos do movimento no exterior. Basta observar que muitos dos artistas que estão hoje em cartaz e fazem muito sucesso começaram as suas carreiras na década de 1960. Muitos festivais de músicas aconteceram no Brasil naquele período, e Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque de Holanda são exemplos de artistas que surgiram naquele momento e se transformaram em intérpretes dos acontecimentos sociais e políticos do país. Você reconhece alguns deles durante suas apresentações nestes festivais? Eles se tornaram grandes ídolos da música brasileira!



Figura 11: Cantores brasileiros que se apresentavam em Festivais.

Os artistas buscavam na realidade brasileira sua inspiração. Surgiram diversas inovações no mundo das artes plásticas. Influenciados pela *Pop Art*, artistas inovavam buscando a participação do espectador, chamando-o para participar da obra. Nascia uma *Nova Objetividade*.

Os anos 60 marcaram a política e a cultura no Brasil, com os jovens nas ruas preocupados com os problemas brasileiros, buscando alternativas e contestando o discurso veiculado pelos meios de comunicação de massa. Nas universidades, os estudantes lutavam contra a ditadura e contavam com o apoio dos intelectuais. Cada vez mais, intensificavam seu ativismo político e questionavam os padrões morais existentes.

De um lado, havia uma cultura organizada mais voltada para o consumo de massa: em 1965 surgiu um programa de televisão apresentando Roberto Carlos e Erasmo Carlos, a “Jovem Guarda”, que rapidamente se tornou um produto lucrativo, com marca e diversos itens para serem vendidos no mercado.



Figura 12: Álbum da Jovem Guarda.

De outro lado, havia a cultura marginal, uma produção alternativa: Pasquim, Movimento e Opinião. O Cinema Novo com Glauber Rocha, reconhecido mundialmente, tinha como norma: “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”. Glauber realizava experiências inovadoras e seus filmes criticavam a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil.



Figura 13: Cartaz da galeria G4 – Rio de Janeiro

Vocabulário

Contracultura: [...] "De outro lado, o mesmo termo (contracultura) pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...) Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social." (PEREIRA, Carlos Alberto Messeder: 1992,p. 20).

A década de 1960 pode ser dividida em três momentos: O primeiro (1960 a 1965) é marcado pela empolgação das manifestações sociais e, no que se refere à política, percebe-se o idealismo e entusiasmo no espírito de luta do povo. Entre 1966 e 1968, registramos um tom mais crítico e os protestos da juventude contra o endurecimento dos governos. E a partir de 1968, com o AI-5, a liberdade foi perdida e o endurecimento do governo militar fez nascer uma outra opção para os contestadores: a luta armada.



Figura 14: Capa do Jornal Folha de São Paulo. A contestação à ordem foi sem dúvida a tônica dos anos 60. Vamos detalhá-la melhor!

De nada adiantou a defesa dos bons costumes do Presidente Jânio Quadros (1961), já que nas décadas de 1950-60 os corpos começaram a se desnudar como nunca acontecera, embora o clima de conservadorismo ainda pairasse no ar. As instituições, como o casamento, começaram a mostrar algumas brechas e os votos de “até que a morte nos separe” foram ficando para trás com o desquite. Embora houvesse uma maior tolerância, e a virgindade fosse valorizada, as experiências e liberdades sexuais masculinas continuavam consentidas e a sexualidade feminina ainda se restringia ao casamento convencional. Mas isso não tirou o feminismo do foco desses movimentos no Brasil: a nudez chegava ao cinema e as mulheres foram para a rua. E Leila Diniz foi a maior representante dessa época com os escândalos que causava ao mostrar a sua gravidez usando biquíni na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, pois até então se dizia que mulher não usava biquíni, não falava palavrão e muito menos mostrava seu estado de grávida. Esse tipo de comportamento causava desconforto no país e parecia como uma grande afronta à sociedade. Por causa de mulheres como Leila Diniz, hoje a posição da mulher brasileira mudou bastante.

Mas não se iluda, pois, se nos anos 60, as mulheres iniciaram uma série de conquistas, nem tudo ainda está vencido e continuamos precisando da proteção da Lei Maria da Penha! A violência contra mulheres, crianças, homossexuais e negros ainda tem de ser combatida. Em recente pesquisa, ficou comprovado que, mesmo com a lei Maria da Penha, o número de assassinatos de mulheres entre 20 e 45 anos diminuiu menos do que se esperava após a aplicação da lei.

Saiba Mais

O escritor Frei Betto assim se refere ao movimento feminista: “O movimento feminista organizado surgiu nos EUA, na segunda metade dos anos 60. Logo expandiu-se pelos países do Ocidente, propagando a **libertação** da mulher, e não apenas **emancipação**. Qual a diferença? Emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Corresponde à busca de igualdade. Libertar-se é querer ir mais adiante, marcar a diferença, realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente, dotado de plenitude humana e tão sujeito frente ao homem quanto o homem frente à mulher.” (FREI BETTO. Marcas de Batom. **Caros Amigos**, ano V, n. 54, set. 2001, p.16.)

Mas não foram somente as mulheres que ganharam as ruas, pois, como vimos no início da seção, jovens, estudantes secundaristas e universitários também se tornaram visíveis. Assim como no resto do mundo, em 1968, os estudantes brasileiros lutavam na rua contra o autoritarismo do governo brasileiro, como na Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

Os estudantes foram às ruas pela democratização do ensino, pela queda da ditadura, pela quebra de padrões morais antigos enraizados na sociedade brasileira, pela resolução de problemas sociais. A UNE (União Nacional dos Estudantes) foi fechada e sua sede invadida pelas tropas do governo. O confronto entre estudantes e militares foi inevitável e muitos desapareceram depois de serem perseguidos e presos, e, nunca mais voltaram.



Figura 15: Passeata estudantil

Juntos aos estudantes, intelectuais também iam às ruas para criticarem o regime militar. Lembra-se do texto inicial? O Brasil tinha iniciado com a democracia de governos anteriores uma verdadeira mudança social: educação popular, CPCs (Centro Popular de Cultura), a arte já era engajada, não dava mais para voltar atrás. A poesia já era concreta, como retroagir?

Se a Liga Camponesa já havia se mobilizado, como voltar atrás na discussão da Reforma Agrária? As chamadas Reformas de Base já eram conhecidas pelos trabalhadores organizados pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Assim, a mobilização vivenciada em 1964, ganhou novamente as ruas em 1968. **Junto com o mundo, setores da sociedade brasileira gritavam pela LIBERDADE!**



Figura 16: Passeata dos cem mil e ação militar na sede da UNE

Na música o abandono da Bossa-Nova e a chegada de novo estilo: O Tropicalismo

O movimento tropicalista pode ser visto como uma releitura do antropofagismo moderno. A ideia de pegar as influências estrangeiras e transformá-las em música brasileira foi defendida pelo movimento. Em um momento de transformação vivido no mundo todo, o Brasil não poderia ficar de fora. Nasciam artistas como Caetano Veloso, Tom Zé, Gilberto Gil, entre outros, que iniciariam o movimento chamado Tropicalismo.

Seus participantes vestiam-se como hippies, contrariando a estética da sociedade da época. Em 1968 foi lançado o álbum que seria o manifesto musical do movimento e do qual participariam vários artistas, poetas e maestros, além de Gilberto e Caetano.

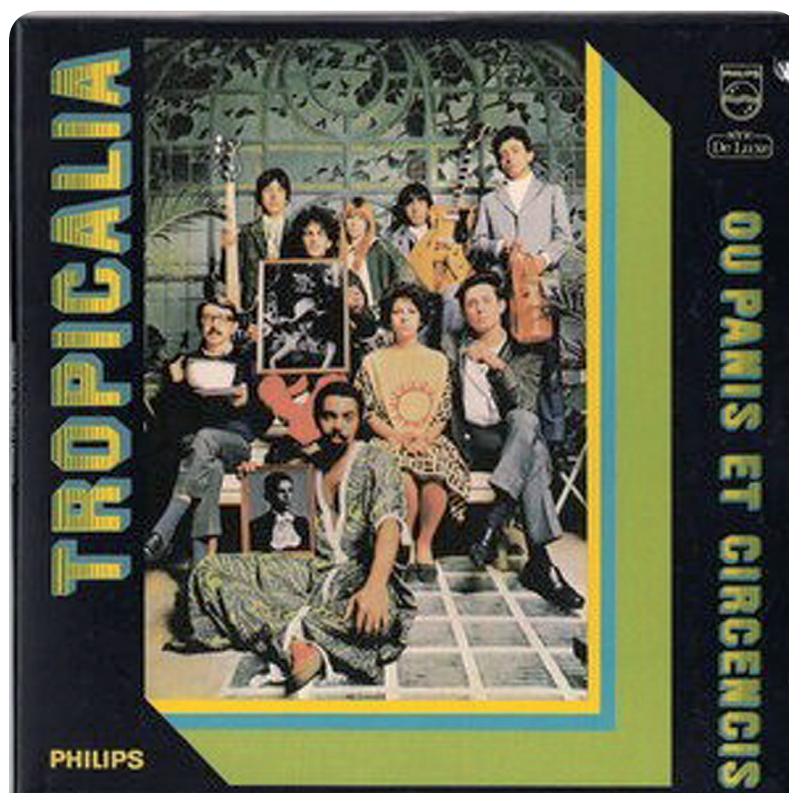


Figura 17: Disco Tropicália

Observe as palavras no disco “Tropicália ou Panis et circensis”, ou seja, Pão e Circo.

Você sabe o que significa essa expressão?

Política de Pão e Circo, ou melhor, do alimento e diversão. Foi uma política surgida no Império Romano que desejava evitar manifestações do povo, desviar a atenção dos cidadãos romanos dos acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Império. Pense na relação existente entre o nome do disco e o momento político da época: 1968 / AI-5/ lançamento do disco com críticas à ditadura civil-miliar. Resultado, vários desses artistas ou se calaram ou amargaram o exílio.



A primeira música do álbum é "*Miserere Nóbis*", de Gil e Capinan, e uma das mais conhecidas, e que dá nome ao disco, é Panis et Circences (em latim significa "Pão e Circo") de autoria de Gilberto Gil e Caetano Veloso. Esta música começa com a introdução de um antigo programa de rádio chamado "O Repórter Esso" e é uma crítica à ditadura dos governos militares. A música conta com sons que lembram uma família jantando e alerta que a vida não é apenas nascer e morrer, e que, às vezes, precisamos inventar e reinventar, principalmente como nos tempos de silêncio de uma Ditadura arrogante e contra a qual todos lutaram.

E chegou a televisão...

Como meio de comunicação de massa, a televisão veio revolucionar a vida das famílias brasileiras. As notícias, as telenovelas, os festivais da Canção e os programas humorísticos ganhavam espaço dentro da casa dos brasileiros. Com eles, novos comportamentos, novas culturas, novos temas foram se tornando populares. A cultura de massa ganhava cada vez mais espaço, mas, nas ruas, estudantes, políticos e intelectuais lutavam contra um regime político autoritário. A cultura de massa, aquela da seção anterior, ganhava um elemento novo no Brasil, poderoso elemento de veiculação de imagens, falas e comportamentos desejados.

O rádio chegou ao final dos anos 50 como o mais importante dos veículos de comunicação de massa e era considerado fundamental na formação dos hábitos da sociedade brasileira, além de ter ajudado a criar novas práticas culturais e de consumo. Não podemos pensar a década de 60 no Brasil sem considerarmos os Diários Associados de Assis Chateaubriand, do qual faziam parte a revista O Cruzeiro e a TV Tupi de São Paulo, inaugurada no início dos anos 50, que já começava a se propagar de modo ainda tímido, como um veículo de comunicação da classe média. Nos anos 60, a televisão começou a se popularizar e os investimentos em novas tecnologias permitiriam maior agilidade e alcance da informação, iniciando as condições para que a televisão se consolidasse como o mais importante veículo de comunicação, hoje.



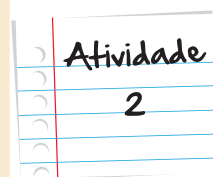
Figura 18: Aparelho de televisão nos anos 60.

Em setembro de 1969, estreou o Jornal Nacional da Rede Globo, que passou a ser transmitido em rede nacional e marcou o início das operações da Rede Globo no Brasil. Mas, seriam dois outros tipos de programas que contribuiriam para a consolidação da televisão como o grande fenômeno de comunicação: o programa de auditório, com os comunicadores como Chacrinha e Flávio Cavalcanti, e a telenovela.

Lutas...

Percebemos que as lutas das mulheres brasileiras nos últimos anos e sua participação em diferentes movimentos têm afirmado sua cidadania. Desde a década de 1960 muitas foram as conquistas das mulheres e o progresso do movimento feminista se torna cada vez mais visível. Mas, pergunta-se: todos os objetivos deste movimento foram alcançados plenamente? Por quê? Reflita sobre o tema e pesquise no seu cotidiano para redigir sua resposta.

Anote suas
respostas em
seu caderno



Seção 3

Trabalho e cidadania nos anos 60: Limites e avanços.

"O povo unido jamais será vencido."

Jorge Eliecer Gaitán (advogado, prefeito e ministro colombiano)

Quem já não ouviu essa frase, palavra de ordem ou grito nas ruas?

Apesar de ser de origem colombiana, essa frase representa um chamado ao direito, à cidadania. Usada e reutilizada em vários momentos da história, ficou conhecida no Brasil ao ser cantada e falada em movimentos políticos que discutiam os direitos do cidadão. Mas, e nos anos 60? Podíamos escutá-la nas ruas?



Figura 19: Movimento por eleições diretas

Como você já viu na seção anterior e irá estudar mais detalhadamente em unidades posteriores, o Brasil em 1964 passa pelo Golpe militar, quando se inicia um período de falta de liberdade, censura e suspensão dos direitos do cidadão brasileiro.

Vimos que a mulher e segmentos sociais antes marginalizados iniciam seu processo de luta pelos seus direitos, trabalho, igualdade social e, sobretudo, pela liberdade.

A cultura se transforma e passamos a trabalhar os problemas sociais brasileiros nas produções culturais como artes plásticas, teatro, cinema e televisão. As conquistas anteriores, como a mobilização de trabalhadores urbanos, camponeses, mulheres, estudantes e intelectuais vividas em 1964, voltam à cena em 1968.

Mas por que lutar? Para que lutar? Por quem lutar?

Da promulgação da Constituição de 1946 até o Golpe de 1964, o Brasil passou pela sua primeira experiência democrática: direitos sociais foram garantidos, o povo foi às urnas e elegeu um presidente... Sem dúvida houve um grande avanço nos direitos de cidadania: liberdade de expressão, liberdade de organização, liberdade religiosa. Mas, nem tudo estava resolvido: negros, mulheres e homossexuais, dentre outros grupos, ainda estavam marginalizados. As elites tinham acesso à justiça garantido, mas o mesmo não ocorria com os grupos menos favorecidos.

O que podemos concluir? Concluímos que durante este período os direitos políticos e sociais dos cidadãos sofreram um avanço, mas os direitos civis ainda levariam tempo.

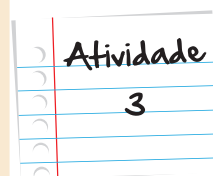
Seus direitos

"(...) Assim, quando imagino o cidadão brasileiro, penso naquele ser fragilizado pela ausência de reconhecimento social, naquele indivíduo sem rosto, sem direitos e sem recursos, colocado numa espera interminável que é o símbolo mais perfeito, no Brasil, da ausência de uma verdadeira cultura da cidadania. Vale infelizmente dizer: de uma cultura igualitária, aberta à mobilidade. Uma cultura efetivamente moderna e democrática, na qual os direitos individuais são contemplados efetivamente na prática social, e não apenas nas leis. Porque ninguém sabe melhor do que nós como é fácil contemplar tais direitos nas leis."

(DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: *Brasileiro: Cidadão?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997. p.5-6).

Estas palavras ainda são aplicáveis aos dias atuais? Escreva um pequeno texto expressando sua opinião.

Anote suas respostas em seu caderno



Mas, o que a nossa atual Constituição nos fala? Vejam alguns trechos da Constituição Cidadã de 1988:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Observe o Artigo 205.

Dentre os direitos do cidadão encontramos o trabalho e a qualificação para o trabalho. Como andava esse tema nos anos 60?

Dando voz às mulheres

"Eu via as mulheres à minha volta, incluindo eu mesma, ávidas por romper padrões. E ao mesmo tempo, com toda a culpa cristã inculcada por nossas mães, com pavor de fazer isso", conta Ana, que casou tarde para os padrões da época: em 1962, aos 25 anos. E, mesmo assim, só após um "ultimato" do noivo. Ou casa ou nos separamos. "Eu tinha dúvidas se era isso o que eu queria naquele momento. Eu amava muito meu noivo, queria ficar com ele. Sabia que existiam opções ao casamento

tradicional, mas nem tive coragem de propor", conta Ana, que na época trabalhava como secretária executiva em uma grande empresa. "Eu ganhava meu dinheiro. Mas ficava entre minha vida e o amor que eu sentia por ele. Então resolvi casar."

Paladino, Patricia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php acesso 18/09/2013

Como vimos, os direitos políticos e sociais estavam garantidos para a maioria masculina, mas como as mulheres se sentiam, em seu momento de luta e no seu momento de inclusão no mercado de trabalho? A mesma autora nos escreve:

"Durante os anos 60 e 70 houve a expansão do ensino universitário e com isso as mulheres puderam entrar para a universidade, passaram a pensar na vida profissional de uma forma diferente das mulheres das décadas passadas. Antes, elas faziam o curso Normal para serem professoras, ou um curso técnico de enfermagem. A partir da universidade, as mulheres ampliaram seu campo de atuação no mercado de trabalho", atesta Mirian Goldenberg.

Paladino, Patricia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php

Os anos entre 1969 e 1973 no Brasil foram marcados por forte crescimento da economia. O termo "milagre" está relacionado com este rápido e excepcional crescimento econômico pelo qual passou o Brasil neste período e que foi propiciado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo), implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco.

O nível de emprego durante o Milagre Econômico vivido pelo Brasil, nos anos 60 e 70, forçou o universo masculino a abrir as portas do emprego para as mulheres, que até os anos 60, em geral, não "trabalhavam fora" e, quando trabalhavam, eram professoras ou enfermeiras, na melhor das opções. Contudo, com um nível pleno de emprego, novos cargos e postos de trabalho foram surgindo e a possibilidade de divórcio e a pílula anticoncepcional impulsionavam a mulher para fora de casa, se deparando com um mundo cheio de novidades.

Mas nem tudo eram flores! Enquanto alguns setores se beneficiavam com o pleno emprego, com os cursos profissionalizantes do Senac e Senai, outros setores, como os pequenos proprietários de terras, iam desaparecendo, pois não tinham como concorrer com uma agricultura mecanizada. Era a agroindústria chegando, para ficar.

Diante da nova característica brasileira no campo, a agroindústria, movimentos no campo foram ganhando força, sobretudo no período de redemocratização. Vale a pena ressaltar o MST (Movimento dos Sem Terra) e o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Esse último, menos conhecido que o primeiro, hoje trabalha com a ideia de Soberania Alimentar, questionando os alimentos transgênicos.



Saiba Mais

O trabalho nos anos 60

Alguns dos direitos dos trabalhadores que hoje conhecemos e temos como naturais, foram oriundos da década de 60. Como podemos observar a seguir:

Em 1962, através da Lei 4090, ainda no governo de João Goulart, foi criada a Gratificação de Natal, mais conhecida como Décimo Terceiro Salário. Deve ser pago ao empregado em duas parcelas até o final do ano tendo como referência o mês de dezembro. Em 1967, foi a vez do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que além de um instrumento de proteção aos empregados demitidos sem justa causa, foi, ainda, um dos primeiros mecanismos de flexibilização das leis trabalhistas para acabar com a estabilidade do trabalhador, então existente. Antes da criação do FGTS, o trabalhador que completasse dez anos de trabalho em uma empresa tornava-se estável, e, deste modo, só poderia ser demitido se cometesse uma falta grave. Os empregadores são obrigados a efetuar depósitos mensais em contas abertas e vinculadas para cada trabalhador. O cidadão recebe esse dinheiro quando é demitido sem justa causa, mas também pode sacar o FGTS em caso de alguma doença grave ou para a compra da casa própria (ou, ainda, quando se aposenta).



Saiba Mais

Depois de 1930, o Estado passa a definir os direitos e os deveres relativos à organização das práticas produtivas; aceita as associações profissionais como interlocutores; reconhece como oficiais as organizações dos sindicatos. Com a criação do Ministério do Trabalho, a legislação trabalhista é promulgada como corpo jurídico válido nacionalmente. Esses atos inauguram no Brasil a constituição da cidadania nacional. Tal modelo se mantém por três décadas. Até o golpe militar de 1964, a noção de cidadania permanece vinculada ao emprego estável, assalariado e urbano, priorizando o espaço fabril de produção e mantendo como interlocutores privilegiados os trabalhadores e os empresários das grandes empresas. Se, por um lado, essas ações representam um avanço nas relações de trabalho, antes despojado de mediações, por outro, acabam excluindo a maioria dos trabalhadores. (GIULANI. In: PRIORE: 2004, p.641).

Se o FGTS pôs fim à estabilidade no emprego e a política salarial nos governos militares era baseada no arrocho, podemos perguntar: os direitos dos trabalhadores foram respeitados? E a cidadania? Você já percebeu que as discussões sempre se referem a trabalhadores, patrões, ministros? E as mulheres? Não eram trabalhadoras, patroas, ministras? Por que sempre se fala no masculino plural? Vamos refletir sobre isso e sua influência no mundo do trabalho? Para melhor pensar nessas questões, utilize o que você aprendeu em unidades e seções anteriores.

Leia o artigo abaixo da historiadora Carla Bassanezi sobre as mulheres brasileiras na década de 1950 e que contribui para a compreensão dos papéis considerados ideais naquele momento:

“Diante da onda de transformações que abarcava o país, os comportamentos entre os sexos também foram alterados, já que vivendo nas cidades, homens e mulheres tornaram-se mais próximos, contribuindo para modificações nas práticas sociais familiares. Os papéis considerados “femininos” e “masculinos” continuavam distintos, nivelados pela moral sexual que previa para os homens a autoridade sobre as mulheres, sendo responsável pelo sustento da esposa e dos filhos. (...) A moralidade do momento era favorável às experiências sexuais masculinas, restringindo a sexualidade feminina ao casamento convencional”.

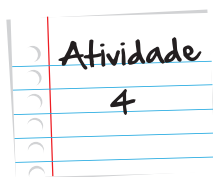
(BASSANEZI:2004, p.608).

A publicação do livro "O segundo sexo" de Simone de Beauvoir influenciaria os movimentos feministas, pois mostrava que a hierarquização dos sexos é uma construção social e não uma questão biológica.



Figura 20: Simone de Beauvoir (1908 -1986) pensadora francesa e autora de “O segundo sexo”, obra em que faz uma revolucionária análise sobre o papel das mulheres na sociedade.

Apesar de constataremos um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens, que continuam tendo os empregos mais bem remunerados.



Arte e denúncia

Observe o texto a seguir. É um fragmento da letra da música *Cidadão*, de autoria de Lúcio Barbosa e interpretada por Zé Ramalho no disco *Frevoador*, de 1992. Após uma leitura atenta, responda: quais as questões sociais denunciadas pela música?

Tá vendo aquele edifício moço / Ajudei a levantar / Foi um tempo de aflição, era quatro condução / Duas pra ir, duas pra voltar / Hoje depois dele pronto Olho pra cima e fico tonto / Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / "Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar" / Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido / Dá vontade de beber / E pra aumentar meu tédio Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer Fonte: http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/2213

Anote suas
respostas em
seu caderno

Resumo

- O surgimento do movimento feminista trouxe muitos efeitos na vida das mulheres em muitos países, principalmente no Brasil.
- O imaginário social e cultural mobilizou estudantes e operários franceses no movimento "Maio de 1968", em Paris.
- O movimento Tropicalista contribuiu para a ruptura de padrões comportamentais a partir dos anos 60.
- A década de 1960 no Brasil foi marcada por mudanças sociais e políticas e por movimentos contestadores da ordem estabelecida.
- Os movimentos civis buscavam o reconhecimento social de grupos *marginalizados*.
- A contracultura foi um movimento que contestava as ordens social, política e cultural estabelecidas.

Filmes:

- *Besame Mucho*. Aborda a trajetória de dois casais amigos desde a adolescência nos anos 50, em uma cidade do interior de São Paulo, até os “não tão dourados anos 1980”. Lançado em 1987. Direção: Francisco Ramalho Júnior, que divide o roteiro com Mário Prata.
- *Barbarella* (1968) de Roger Vadim, com Jane Fonda. No século XXXXI as guerras já foram abolidas há muito tempo, mas Barbarella (Jane Fonda), uma bela agente, recebe um comunicado do Presidente da Terra (Claude Dauphin), dizendo que uma arma foi inventada e que isto pode perturbar a paz no universo. Assim, sua missão é evitar que tal mal aconteça.
- *Terra em Transe* (1967). De Glauber Rocha com Jardel Filho, Paulo Autran. Considerado o mais importante e polêmico filme de Glauber Rocha, é um dos precursores do Cinema Novo e do movimento tropicalista. Conquistou o Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Cannes de 1967.
- *Aconteceu em Woodstock*. Ang Lee, 2009.

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: *Brasileiro: Cidadão?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.
- FREI BETTO. Marcas de Batom. *Caros Amigos*, ano V, n. 54, set. 2001.
- GIULANI, Paola Cappelin. In PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- HABERT, Nadine. *Década de 70. Apogeu e crise da ditadura militar*. São Paulo: Ática, 2006.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 2004.

- PALADINO, Patrícia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível: em http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php (acesso 18/09/2013).
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PILAGALLO, Oscar. *A História do Brasil no século 20 (1940-1960)*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria(Orgs). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Imagens

Figura 1: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bob-Marley.jpg>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Elvis_Presley_1970.jpg

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_Jr_NYWTS.jpg

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:JohnFK.png>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flower-Power_Bus.jpg

Figura 2: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38861>

Figura 3: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Warhol_exhibition.jpg

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rubens_Guerchman_1968_Policiais_Identificados_na_Chacina.jpg

Figura 4: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=52393>

Figura 5: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_-_March_on_Washington.jpg

Figura 6: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23033>

Figura 7: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31470>

Figura 8: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38013>

Figura 9: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Peace_symbol.svg

Figura 10: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RussianRainbowGathering_4Aug2005.jpg

Figura 11: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51458>

Figura 12: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31410>

Figura 13: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo4/g4/images/index.html>

Figura 14: <http://www.dhi.uem.br/labtempo/images/stories/imagens/folha-cap-a-pos-ai5.jpg>

Figura 15: <http://www.ipea.gov.br/participacao/fotos/344-fotos-une-75-anos>

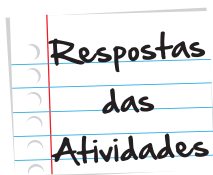
Figura 16: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mylinks/viewcat.php?cid=12&letter=D&min=40&orderby=titleA&show=10>

Figura 17: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PaniseCircenses.jpeg>

Figura 18: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:1950%27s_television.jpg

Figura 19: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27387>

Figura 20: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:7861_simone_de_beauvoir_cartier_bresson.jpg?uselang=pt-br



Atividade 1

Alguns dos trechos a seguir servem de resposta para a questão, pois traduzem a ideia de igualdade e justiça social:

“Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença, nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.”

“Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade.”

“Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado.”

Atividade 2

Apesar de todas as críticas sofridas, o Movimento Feminista já conquistou um lugar na sociedade brasileira, mesmo que precise lutar mais ainda para ser plenamente reconhecido. A busca por uma sociedade mais democrática e igualitária continua como um ideal a ser concretizado, pois ainda existe uma pressão social para que as mulheres se casem e cuidem da casa, obrigando-as a exercer uma dupla jornada.

Atividade 3

Resposta livre. O aluno deverá ser capaz de elaborar um texto sobre os preconceitos e violência ainda vivenciados por parte de nossa população e/ou sobre as melhorias no campo da garantia de direitos sociais.

Atividade 4

Ao tocar em dois temas centrais estudados na seção, como trabalho e cidadania, a letra aponta para a questão da injustiça social. Denuncia, ainda, a desigualdade social, nas grandes cidades, onde determinados grupos são expostos a humilhações e discriminações.



O que perguntam por aí?

Questão 1 (Enem)

O ano de 1968 ficou conhecido pela efervescência social, tal como se pode comprovar pelo seguinte trecho, retirado de texto sobre propostas preliminares para uma revolução cultural: “É preciso discutir em todos os lugares e com todos. O dever de ser responsável e pensar politicamente diz respeito a todos, não é privilégio de uma minoria de iniciados. Não devemos nos surpreender com o caos das ideias, pois essa é a condição para a emergência de novas ideias. Os pais do regime devem compreender que autonomia não é uma palavra vã; ela supõe a partilha do poder, ou seja, a mudança de sua natureza. Que ninguém tente rotular o movimento atual; ele não tem etiquetas e não precisa delas”.

Journal de la comune étudiante. Textes et documents. Paris: Seuil, 1969 (adaptado).

Os movimentos sociais, que marcaram o ano de 1968,

- a. foram manifestações desprovidas de conotação política, que tinham o objetivo de questionar a rigidez dos padrões de comportamento social fundados em valores tradicionais da moral religiosa;
- b. restringiram-se às sociedades de países desenvolvidos, onde a industrialização avançada, a penetração dos meios de comunicação de massa e a alienação cultural que deles resultava eram mais evidentes;
- c. resultaram no fortalecimento do conservadorismo político, social e religioso que prevaleceu nos países ocidentais durante as décadas de 70 e 80;
- d. tiveram baixa repercussão no plano político, apesar de seus fortes desdobramentos nos planos social e cultural, expressos na mudança de costumes e na contracultura;
- e. inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.

Gabarito: Alternativa E.

Comentário: O movimento cultural de 1968 na França abrangeu vários países do mundo (inclusive Brasil). Tinha grande conotação política, mas não prevalecia. Entretanto, uma determinada corrente de pensamento, e, de modo geral, contestou as instituições políticas, culturais e educacionais.

Questão 2 (Enem 2011)

Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas Reformas de Base e satirizavam o “imperialismo” e seus “aliados internos”.

KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional — UDN, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- a. constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista;
- b. contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular;
- c. realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura;
- d. prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres;
- e. diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

Gabarito: alternativa A.

Comentário: os setores conservadores do início da década de 60 acreditavam que centros culturais como o CPC constituíam uma ameaça aos valores capitalistas.





Golpes e ditaduras na América Latina

Fascículo 7
Unidade 14

Golpes e ditaduras na América Latina

Para início de conversa...

“

São os homens e eu aqui parado de pijama
Eu não gosto de passar vexame
Chame, chame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão
Se eu demorar uns meses convém, às vezes, você sofrer
Mas depois de um ano eu não vindo
Ponha a roupa de domingo e pode me esquecer

”

(Chico Buarque de Holanda, sob o pseudônimo de Julinho de Adelaide – *Acorda Amor*)

Em 1974, o famoso músico Chico Buarque de Holanda precisou usar um nome falso - Julinho de Adelaide - para que suas canções pudessem ser gravadas e distribuídas. Na canção *Acorda Amor*, para não passar pelo vexame de ser preso, o homem pede para chamar o ladrão, justificando assim a presença da polícia na sua casa durante a noite. Ele aproveita ainda para alertar sua mulher que poderia não voltar, vindo a desaparecer pela ação policial. Naquela época, o Ministério da Justiça promovia a censura por motivos políticos, impedindo gravações que fossem consideradas críticas ao regime vigente. Mas o maior problema talvez não tenha sido a censura sofrida por Chico Buarque/Julinho de Adelaide. O triste e verdadeiro problema é que pessoas realmente estavam desaparecendo após serem presas: ao todo 140 desaparecidos, a maioria entre 1970 e 1975.

Você sabe qual o regime fez isso? Sabe por quanto tempo isso aconteceu sem que familiares sequer conseguissem respostas à procura dos parentes que sumiram?

Nesta primeira seção, falaremos sobre este e outros tipos de desrespeito aos direitos individuais mais elementares – liberdade de expressão; direito a um julgamento justo; direito à ampla defesa, já que ninguém é culpado até que se prove o contrário; e o direito à vida. Infelizmente, essas ações não se limitaram ao Brasil, mas se tornaram uma triste realidade em diversos países na América Latina, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Coincidência? Mais uma vez não. Entender por que tais regimes surgiram e como funcionavam é um dos objetivos desta unidade. Mas não falaremos apenas disso, trataremos também das ações da sociedade brasileira contra essas práticas violentas e de como, por meio da luta, setores organizados da população procuraram impedir que esses atos lamentáveis pudessem se repetir.

Objetivos de aprendizagem

- Entender a emergência de golpes e ditaduras na América Latina nos anos 1960, 1970, 1980;
- Compreender as razões para o período de 1964 a 1985 ser uma ditadura;
- Identificar as características dos governos militares no Brasil;
- Reconhecer a importância dos movimentos de contestação à Ditadura Militar para o reestabelecimento da democracia no Brasil.

Seção 1

Golpes e ditaduras na América Latina

1964: nasce uma ditadura no Brasil e um modelo para o golpismo na América Latina

A deposição do presidente João Goulart, em 1964, é considerada como o episódio decisivo da política nacional na década de 1960, com consequências que se fazem presentes até os dias de hoje. A ordem democrática estabelecida em 1946, após o fim do Estado Novo, foi destruída. Nos anos seguintes a 1964, uma série de restrições aos direitos da população foram registrados.



Figura 1: Militares da Força Pública, atual Polícia Militar, protegendo o Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, durante o Golpe Militar no Brasil, em 31 de março de 1964.

Mas afinal, o que aconteceu em 1964?

Ao longo dos anos, diversas explicações foram dadas para entender o que ocorreu em 1964. Os vitoriosos cha-

maram seu movimento de uma "revolução democrática". Parte dos derrotados afirmou que houve um "golpe militar", atribuindo a responsabilidade pela derrubada do presidente Goulart quase que exclusivamente às Forças Armadas. Rejeitando tanto a ideia de uma "revolução democrática, quanto a de um "golpe militar", compreendemos os acontecimentos daquele ano como um golpe civil-militar. Ao acrescentar a palavra "civil", o que se procura é enfatizar que, sem o apoio de outros segmentos da sociedade, como parcelas da classe média, do empresariado, setores da Igreja Católica, partidos (como a UDN) e parte significativa da imprensa, não teria sido possível a iniciativa militar que garantiu o afastamento do presidente João Goulart e a permanência dos golpistas no poder por tantos anos.

O país vivia um momento político conturbado desde a chegada de Goulart à presidência, em 1961. O fenômeno eleitoral Jânio Quadros, até então o presidente que recebera a maior votação da história do Brasil, renunciou em menos de 7 meses depois de tomar posse. A rejeição ao vice-presidente Goulart quase lançou o país numa guerra civil. A solução para impedir o conflito armado e empossar Goulart foi a emenda constitucional que instituía o parlamentarismo.

Tudo isso refletia a polarização ideológica da Guerra Fria. Nas disputas e no debate político nacional, termos abundantemente utilizados na época, como "comunista" e "vermelho", serviam para desqualificar adversários.

Num contexto de crescente radicalização política, o país caminhava para a polarização, com muitos desprezando a democracia representativa, dando sinais de simpatia diante de soluções golpistas. De um lado, as tendências críticas ao capitalismo e às forças estabelecidas, como os estudantes, mobilizados na UNE; militares de baixa patente, reunidos em clubes de suboficiais; artistas; intelectuais; trabalhadores urbanos; trabalhadores rurais, organizados nas Ligas Camponesas, sob o lema "reforma agrária na lei ou na marra"; e o clandestino PCB. Do outro lado, parte da cúpula militar; setores da classe média; da Igreja Católica; parte da imprensa; políticos da UDN; governadores da oposição conservadora, que recebiam investimentos estadunidenses negados ao governo federal, tais como os governadores Magalhães Pinto em Minas Gerais, Ademar de Barros em São Paulo e Carlos Lacerda no **Estado da Guanabara**.

Vocabulário

Estado da Guanabara: Estado que existiu de 1960 a 1975, criado após a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Em 1975, com a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, a cidade do Rio de Janeiro (mesmo nome do Estado) passou a ser a capital do novo Estado, em substituição à cidade de Niterói.

A questão que aumentou a crise foi a necessidade de apoio no Congresso Nacional para que o presidente Goulart aprovasse suas Reformas de Base. Após tentativas fracassadas de negociação política, Jango procurou estimular a mobilização popular, colocando o povo nas ruas como forma de pressionar o Poder Legislativo. Exemplo disso foi o Comício da Central do Brasil, ou Comício das Reformas de Base, realizado em 13 de março de 1964, que seria o primeiro de uma série de atos públicos.

Mas o fator que precipitou a iniciativa militar foram as demonstrações de quebra da hierarquia e da disciplina nas Forças Armadas. A velha máxima dos quartéis “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, se via ameaçada. Marinheiros que tinham se revoltado em 26 de março de 1964 foram anistiados, isto é, perdoados pelo presidente, que se recusou a puni-los, tal como a cúpula militar reivindicava. Para que não se tenha dúvida da importância disso para os oficiais das Forças Armadas, os marinheiros que se rebelaram em março de 1964 somente foram anistiados em maio de 2001, 22 anos depois de 1979, quando a maioria dos que foram perseguidos após 1964 recebeu esse benefício. Na cerimônia de 2001, os três ministros militares faltaram em sinal de protesto.



Figura 2. Acompanhe, através das datas, os principais fatores que culminaram no golpe civil-militar.

A Guerra Fria e o papel dos EUA

Nos anos seguintes, setores das Forças Armadas na América Latina copiariam a iniciativa dos militares brasileiros. Contribuiu para isso a formação anticomunista que estas Forças receberam desde o final da Segunda Guerra Mundial. Naquela ocasião, o alinhamento com os EUA na Guerra Fria foi decisivo para a montagem de um sistema interamericano, cuja principal preocupação era a contenção do “perigo vermelho”. Medidas como o TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca) e a criação da OEA (Organização dos Estados Americanos) representavam essa preocupação.

Mas talvez o aspecto decisivo para tal reprodução do golpe brasileiro na América latina tenha sido a difusão entre os militares latino-americanos da Doutrina de Segurança Nacional. Criada nos EUA durante a Guerra Fria, a doutrina entendia que o inimigo não estava mais no exterior, mas sim infiltrado dentro do país, o chamado “inimigo interno”. Presente nos mais variados setores, essa nova ameaça estava à espreita, pronta para agir e desestabilizar o país, levando-o à “subversão”, ou seja, à ameaça à ordem vigente e ao Estado.

Vocabulário

Subversão: Qualidade do subversivo, termo utilizado pelos governos militares para designar todo o indivíduo que tinha comportamento contestatório aos regimes ditatoriais latinoamericanos, em especial, aos simpatizantes do modelo comunista da URSS.

Se nas décadas de 1940 e 1950 já era posição dos EUA apoiar movimentos anticomunistas, essa postura se intensificaria depois da declaração do caráter socialista da Revolução Cubana de 1961 e do risco de um conflito nuclear após a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962. Temendo novos regimes socialistas na América Latina, o governo estadunidense apoiaria movimentos golpistas, estimulando as ações dos militares e promovendo o reconhecimento, quase que imediatamente, dos novos governos. Mesmo os regimes que se tornaram violentas ditaduras foram tolerados, pois isso ajudaria a conter a ameaça comunista.

Assim, após 1964, os seguintes países passaram por golpes de estado e ditaduras:

- **Bolívia (1971-1982)** - golpe militar de Hugo Bánzer, seguido do endurecimento do regime a partir de 1974;
- **Chile (1973-1990)** - em 1970, o médico Salvador Allende foi eleito para a presidência chilena, numa curta experiência socialista pela via democrática. Em 1973, um golpe de estado, liderado pelo General Augusto Pinochet, o derruba. O Palácio de *La Moneda*, sede do governo Chileno, é bombardeado, morrendo Allende e colaboradores próximos. Inicia-se uma das mais violentas ditaduras da América Latina, que aproveitaria a repressão para promover cortes de investimentos nas áreas sociais, privatizações e abertura econômica;
- **Peru (1968-1980)** - Juan Velasco Alvarado depõe Fernando Belaúnde Terry, do Partido de Ação Popular (AP), iniciando a “primeira fase” do governo militar, nacionalista e promotora da reforma agrária. Outro golpe militar, em 1975, instala a ditadura de Morales Bermúdez, que inicia a “fase mais conservadora”;
- **Argentina (1976-1983)** - depois de uma sucessão de golpes, é instalada a ditadura militar de Rafael Videla, que derrubou Isabelita Perón, segunda esposa do ex-presidente Perón, que havia assumido após a morte do marido em 1973.

Instaurada no início dos anos 70, a operação Condor foi uma aliança político-militar entre os regimes militares de Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil; países que formam o Cone Sul. O principal objetivo da aliança era combater o "terrorismo internacional" que ameaçava os países do Cone Sul, isto é, os movimentos contestatórios aos regimes ditatoriais e as ações de guerrilheiros comunistas (como os movimentos dos Tupamaros, no Uruguai; os Montoneros, na Argentina; o MIR, no Chile; entre outros).



Saiba Mais

Há fortes indícios de que os membros participantes da operação Condor contaram com o auxílio do governo norte-americano em suas ações. A operação era dividida em três fases, a saber:

- 1) troca de informações entre os países participantes acerca de grupos e pessoas "subversivas";
- 2) perseguições, mortes e prisões de suspeitos que pudessem estar localizados em um dos seis países aliados;
- 3) ações em países estrangeiros.

A operação Condor foi responsável pela morte de milhares de pessoas. Alguns historiadores estimam que 30 mil pessoas tenham sido assassinadas em razão das ações dessa operação. O nome Condor faz referência a uma ave típica dos Andes, símbolo de astúcia na caça às suas presas. O governo militar brasileiro, por muitos anos, negou a participação do Brasil nas atuações do grupo.

Apoios ao golpe de 64.

"Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro".

Desde as manifestações de junho, um coro voltou às ruas: "A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura". De fato, trata-se de uma verdade, e, também, de fato, de uma verdade dura.

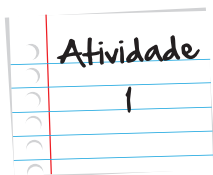
Já há muitos anos, em discussões internas, as Organizações Globo reconhecem que, à luz da História, esse apoio foi um erro.

(...)

1964

Atividade

1



“Diante de qualquer reportagem ou editorial que lhes desagrade, é frequente que aqueles que se sintam contrariados lembrem que O GLOBO apoiou editorialmente o golpe militar de 1964.

A lembrança é sempre um incômodo para o jornal, mas não há como refutá-la. É História. O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como “O Estado de S. Paulo”, “Folha de S. Paulo”, “Jornal do Brasil” e o “Correio da Manhã”, para citar apenas alguns. Fez o mesmo parcela importante da população, um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

(...)

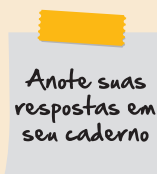
Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país.

À luz da História, contudo, não há porque não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma.”

Jornal O Globo, 31/08/2013.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>

- a. Do que esta reportagem trata?
- b. Segundo a reportagem, é possível perceber que o golpe de 1964 contou com a participação de parcela da população civil? Justifique sua resposta com uma passagem do texto.



Seção 2

Ditadura militar no Brasil



Figura 4: Os militares no poder.

Com a ascensão dos militares golpistas ao poder, em 1964, a expectativa dos grupos civis que os apoiavam era que seus opositores fossem afastados do cenário político. Daí, novas eleições seriam convocadas. Sem seus principais adversários, a UDN acreditava que chegaria à presidência da República, implementando, sem maiores resistências, o seu projeto liberal. Enfim, os golpistas, que foram neutralizados com a morte de Vargas em 1954, não conseguiram impedir a posse de JK, em 1955, e a de Jango, em 1961, e acreditavam ter finalmente alcançado o poder. No entanto, não foi isso que aconteceu. Os militares golpistas tomaram gosto pelo poder e acabaram permanecendo à frente do governo por 21 anos.

Como isso aconteceu?


A doutrina de segurança nacional importada dos EUA alterou os rumos do movimento militar: qualquer atividade crítica ao governo era considerada “subversiva”. Nesse sentido, seguem-se diversas medidas arbitrárias nos Atos Institucionais – AI’s. Por meio desse tipo de instrumento jurídico, o Poder Executivo conseguia se impor aos demais poderes. Indiscutivelmente, a existência dos AI’s tornava o Brasil uma ditadura. De 1964 a 1969 foram editados 17 AI’s.

Principais AI's	Ano	Característica
AI 1	1964	Cassações de políticos considerados "subversivos".
AI 2	1965	Extinguiu os partidos políticos existentes e criou o bipartidarismo: - o partido do governo: ARENA (Aliança Renovadora Nacional). - o partido da oposição consentida, isto é, que o regime permitia que existisse e atuasse, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).
AI 3	1966	Adiamento das eleições presidenciais, tornadas indiretas.
AI 4	1966	Abertura do Congresso para aprovar uma nova constituição.
AI 5	1968	O pior dos AI's. Fechou o Congresso Nacional, cassou mandatos, suprimiu direitos e fortaleceu a autoridade presidencial.

Tabela 1: Os principais Atos Institucionais outorgados pelo governo militar e suas respectivas características.

Outro aspecto que reforça o caráter ditatorial foi a escolha dos presidentes no período. Nenhum foi eleito pelo voto direto e todos eram generais do Exército Brasileiro. Vamos conhecê-los.

1. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) e os primeiros AI's:

	<p>Castelo Branco foi o primeiro presidente militar da Ditadura e iniciou em seu governo a repressão a militares contrários ao golpe, lideranças sindicais e estudantis, Ligas Camponesas e intelectuais, como vários educadores.</p> <p>A criação de Inquéritos Policial-militares (IPMs), que investigavam e indiciavam os suspeitos de "subversão", garantiam a eficiência da repressão. Essa foi promovida ainda pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), idealizado pelo General Golbery do Couto e Silva.</p> <p>No campo econômico foi criado o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), que reduziu a inflação e o déficit público às custas dos trabalhadores, que tiveram seus salários "arrochados", ou seja, recebiam aumentos que não permitiam recuperar seu poder de compra.</p>
---	--

2. Marechal Artur da Costa e Silva (1967-1969): a ditadura mostra suas garras com o AI-5:



Costa e Silva assume o governo com promessas de diálogo e uma leitura liberal da nova Constituição de 1967. Esta estabeleceu eleições indiretas para presidente e governadores e aumentou o poder do presidente.

Nesse governo, ocorreu um aumento das contestações à ditadura. A novidade foi que até mesmo políticos que tinham apoiado o golpe, como Carlos Lacerda, não estavam mais satisfeitos com o regime. Lacerda criou a Frente Ampla, que tinha Juscelino Kubitschek e João Goulart como participantes, para reivindicar a redemocratização.

Em reação a essas mobilizações, numa sexta-feira 13, em dezembro de 1968, foi baixado o AI-5. Este ato, ao contrário dos anteriores, não tinha prazo para acabar. Com ele, o presidente voltou a ter poderes para fechar o Congresso, cassar mandatos e suspender direitos políticos. Além disso, o AI-5 suspendeu a garantia de *habeas corpus* aos acusados de crimes contra a segurança nacional; expurgou vários funcionários públicos, inclusive muitos professores universitários; estabeleceu na prática a censura aos meios de comunicação – porque a censura à Imprensa se instala a partir do Golpe – e a quaisquer manifestações culturais contrárias ao governo. Além disso, a tortura passou a fazer parte dos métodos da repressão política.

3. General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974): o auge da repressão e o milagre brasileiro:



Com a morte do Marechal Costa e Silva, foi criada uma Junta de Ministros Militares que impediu a posse do vice-presidente, o civil Pedro Aleixo, um dos poucos integrantes do governo contrários ao AI-5. Sob a Junta Militar, o Congresso enfraquecido aprovou o General "linha dura" Médici. Seu governo foi marcado pelo auge da violenta repressão a quaisquer movimentos contestatórios e por uma propaganda oficial em torno do slogan do "Brasil Grande", amparada no crescimento da economia com o "milagre brasileiro" e no tricampeonato mundial de futebol, vencido no México, em 1970.

O "milagre econômico" estendeu-se de 1969 a 1973, combinando extraordinário crescimento econômico com períodos de baixa na taxa de inflação. A disponibilidade de recursos da economia mundial possibilitou aos países em desenvolvimento uma maior facilidade de adquirir empréstimos. Foi esse o "santo" por trás do "milagre": os empréstimos obtidos no exterior. Uma maior circulação de capital permitiu a ampliação de créditos aos consumidores, atraindo fortes investimentos das empresas multinacionais. A indústria automobilística liderou o crescimento anual em 30% e a venda de aparelhos de TV praticamente triplicou.

O bom desempenho do "milagre" dependia, cada vez mais, das condições internacionais, com a oferta de capitais para serem emprestados. Foi por isso que o milagre acabou quando as condições internacionais se alteraram, a partir de 1973. Após a **Guerra do Yom Kippur** (1973), entre árabes e israelenses, houve o I Choque do Petróleo.

Vocabulário

Guerra do Yom Kippur: Em outubro de 73, com uma ação surpresa, o Egito e a Síria atacaram Israel. Após cruzarem o Canal de Suez, tomaram de assalto as fortificações – "linha Bar-Lev" – que pertenciam aos israelenses pela extensão do canal. Continuaram avançando sobre a península do Sinai, havendo ainda a recuperação das Colinas de Golã por parte da Síria. O nome dado a esta guerra, Yom Kippur, relaciona-se com o dia da invasão, realizada no feriado judaico do "dia do perdão". Os israelenses, após três semanas, recuperaram suas posições. EUA e União Soviética interferiram no conflito, o que gerou preocupações de um confronto em maior escala, havendo até mesmo a primeira declaração de alerta nuclear desde a crise dos mísseis cubanos.

Nesse contexto, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), composta predominantemente por países do Oriente Médio, provocou a alta do preço do barril do óleo. Os países produtores de petróleo quadruplicam o preço do produto causando profunda instabilidade na economia mundial, levando a uma crise com retração de empréstimos e investimentos.

O encarecimento do óleo atingiu a economia mundial e os empréstimos para países, como o Brasil, foram reduzidos e ficaram com juros muito mais altos. Com isso, a dívida externa atingiu limites recordes. O crescimento econômico foi interrompido e a concentração de renda no Brasil aumentou. A hora de “dividir o bolo”, na fórmula defendida pelo ministro Delfim Neto de “deixar o bolo crescer, para depois repartir”, estava cada vez mais distante de acontecer.

O futebol é uma paixão nacional, não é mesmo? Afinal de contas somos o país do futebol e única nação cinco vezes campeã da Copa do Mundo. No entanto, nem sempre esse esporte foi usado unicamente para fins culturais e de diversão. Ele já foi alvo de interesses políticos. Durante o regime militar, o futebol foi importante ferramenta de propaganda dos governos ditatoriais.

No governo Médici, a conquista da Copa do Mundo em 1970 foi utilizada para alavancar seu governo, exaltar o Brasil e diminuir as vozes da oposição (*slogans* como “Brasil Ame ou Deixe-o”, “Ninguém segura este país” foram criados dentro deste contexto). Dizem, inclusive, que a substituição do técnico João Saldanha, jornalista e treinador, que classificou o Brasil para a disputa da Copa do Mundo no México, em 1970, por Mario Jorge Lobo Zagallo foi fruto de interferência do governo militar de Médici. O presidente percebia Saldanha como um elemento “subversivo”.



Saiba Mais



Figura 8: Seleção brasileira de 1970, tricampeã de futebol no México em 1970.

Saiba Mais

Não foi apenas a seleção brasileira que foi usada pelo governo militar. O Santos Futebol Clube, time em que Pelé jogava, foi utilizado muitas vezes como instrumento diplomático para estreitar relações ou diminuir e redirecionar as críticas feitas ao Brasil, em especial pelos países europeus, pelo autoritarismo e violação dos direitos humanos de seu governo.

Diversos jogadores de futebol foram vigiados e seus passos mapeados pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), órgão de vigilância do governo militar, sendo muitos deles impossibilitados de jogar na seleção brasileira. O caso mais notório foi o de Afonsinho. Jogador de futebol com passagens marcantes por Botafogo (1965/70), Vasco (71), Santos (72), Flamengo (73/74) e Fluminense (81/82). Ele nunca foi convocado para a seleção brasileira, mesmo com o inegável talento que possuía. Ao se recusar a cortar seus cabelos e barba chegou, inclusive, a ficar impossibilitado de exercer a profissão por algum tempo, no ano de 1971, tendo que ir à justiça para conseguir obter a propriedade de seu próprio passe, feito inédito na época. Por seu comportamento crítico era considerado comunista e "subversivo". O próprio atual presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), José Maria Marin, é apontado por muitos jornalistas e estudiosos do período como um dos diretos responsáveis pela morte e tortura do jornalista Vladimir Herzog, crítico do sistema ditatorial brasileiro.

Multimídia

Afonsinho e o passe livre

Clique no link a seguir e conheça um pouco mais sobre a história do jogador Afonsinho e como ele, hoje, avalia as suas atitudes tomadas na época da Ditadura.

<http://oglobo.globo.com/rio/perfil-afonsinho-homem-que-mudou-jogo-9691469>

4. General Ernesto Geisel (1974-1979): abertura "lenta, gradual e segura":

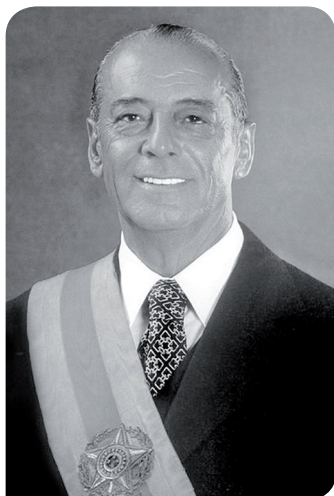


A mais importante medida do governo Geisel foi a abertura lenta, gradual e segura, com a volta dos militares aos quartéis.

Enquanto tentava diminuir o ímpeto da "linha-dura", o governo permitiu que as eleições legislativas se realizassem num clima de relativa liberdade, com acesso dos dois partidos permitidos ao rádio e à televisão. O resultado foi o fortalecimento da oposição legal, o MDB, diante da ARENA.

Em seu governo, Geisel combinou medidas repressivas, como a utilização do AI-5 e o fechamento do Congresso em 1977, com medidas de abertura política, como o fim do Ato Institucional nº 5 – AI 5.

5. General João Batista Figueiredo (1979-1985): Anistia, pluripartidarismo e Diretas Já:

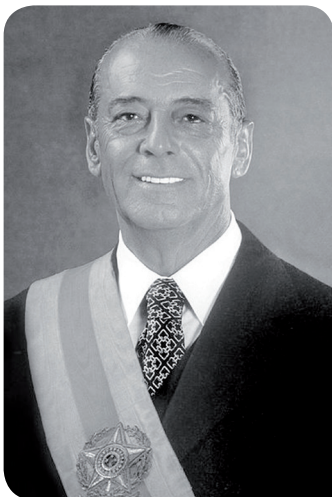


No mandato de Figueiredo houve a continuidade do processo de abertura, iniciado por Geisel. A primeira medida nessa direção foi dada em 28 de agosto de 1979 quando foi decretada a Anistia ampla, geral e irrestrita.

No mesmo ano, a ARENA e o MDB foram extintos e novos partidos políticos foram criados. O Congresso aprovou uma lei de reforma partidária com a formação de novos partidos, que seriam legalizados nos anos seguintes: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de Ivete Vargas; Partido Democrático Trabalhista (PDT), de Leonel Brizola; Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula; Partido Popular (PP), de Magalhães Pinto e Tancredo Neves. A ARENA transforma-se no Partido Democrático Social (PSD), herdeiro da velha UDN. Este é o novo partido do governo, de Paulo Maluf e Delfim Neto. O MDB, procurando manter a imagem de partido de oposição à ditadura, transforma-se no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), de Ulysses Guimarães.

Em 1982, a realização de eleições gerais dava prosseguimento às medidas de abertura do regime militar, iniciadas com a Anistia. Mas a “linha dura” das Forças Armadas não estava satisfeita com a abertura política. Através de atentados terroristas, a linha-dura pretendia incriminar grupos de esquerda e disseminar o pânico pela sociedade. Alguns desses atentados chegaram a ser executados (os do Riocentro e da OAB, por exemplo), enquanto outros, felizmente, ficaram apenas nas intenções (como o plano de explodir o gasômetro do Rio de Janeiro). A expectativa era a de impedir a continuidade do processo de devolução do poder aos civis.

Em 1982, ainda, foram realizadas eleições diretas para governadores, senadores, prefeitos e deputados federais e estaduais em quase todo o país (excluídas as áreas de segurança nacional, como os municípios do Rio de Janeiro, São Paulo e Volta Redonda, que só puderam escolher diretamente seus prefeitos depois de 1985). No âmbito estadual, a oposição ao regime vence em Minas Gerais com Tancredo Neves, em São Paulo com Franco Montoro e no Rio de Janeiro, com Leonel Brizola.



A vitória da oposição nesses estados foi fundamental para a maior mobilização política da história do país até então: a Campanha das Diretas Já. Com a presença de 1 milhão de pessoas na Candelária, no Rio de Janeiro, e de 1,3 milhão no Anhangabaú, em São Paulo, os comícios reuniam políticos e lideranças de oposição que queriam que o sucessor de Figueiredo fosse escolhido pelo voto direto. Apesar da forte mobilização, a proposta de alteração da Constituição não recebeu os votos necessários, e com isso não foi aprovada pelo Congresso Nacional.

Assim, o sucessor do general Figueiredo foi escolhido pelo voto indireto. O Colégio Eleitoral de 686 cidadãos elegeu o presidente, em nome de 60 milhões de eleitores. Tancredo Neves seria o primeiro civil a ocupar o posto máximo da República desde 1964. A votação, que deu vitória tranquila para Tancredo, com 480 votos, contra 180 recebidos por Paulo Maluf, o candidato do PSD, marcou o fim do **regime de exceção** brasileiro, que havia sido anunciado mais de dez anos antes. No dizer do presidente eleito, iniciava-se a “Nova República”.

Porém, o presidente eleito adoece, é internado, e morre no hospital, antes da posse, num dos mais dramáticos episódios da História republicana do Brasil. Toma posse o vice-presidente eleito, José Sarney, ex-líder da ARENA e ex-presidente do PSD, que deixou o partido junto com vários dissidentes para formar a Frente Liberal, aliando-se, em seguida, ao PMDB, por obra e articulação de Tancredo.

Leia a letra de música de Miguel Gustavo e responda às questões:

Pra Frente Brasil (Copa de 1970)

Noventa milhões em ação

Pra frente Brasil

Do meu coração

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil

Salve a Seleção

De repente é aquela corrente pra frente

Parece que todo o Brasil deu a mão

Todos ligados na mesma emoção

Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos

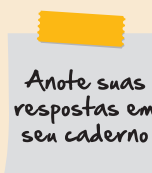
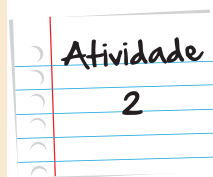
Pra frente Brasil, Brasil

Salve a Seleção.

Composição: Miguel Gustavo, 1970

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/os-incriveis/prafrente-brasil.html>

- Em 1970, o Brasil se consagrou tricampeão mundial de futebol. De que maneira, o governo militar do general Médici utilizou-se da conquista brasileira em seu governo?
- Relacione a letra de música acima com os slogans publicitários utilizados pela ditadura militar como: “Ninguém segura este país”, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Você constrói o Brasil”.



Seção 3

Movimentos de contestação ao regime militar



Figura 11. Rua do Rio de Janeiro completamente tomada. Segundo as autoridades, mais de 100 mil pessoas participaram dos manifestos de 17 de junho de 2013.

As manifestações que aconteceram em diversas cidades do Brasil, em junho de 2013, chamaram a atenção do mundo inteiro. Muitos analistas se diziam surpresos com tais atos, que não eram observados desde o começo dos anos 1990. Nas semanas seguintes, se intensificaram, por motivos diversos, protestos e reivindicações em todo país.

O que foi pouco mencionado é que essas ações se inserem numa história e numa tradição de contestação que acompanhou segmentos da sociedade brasileira. Em especial, durante a Ditadura Militar, mesmo com a repressão e a vigilância constantes, setores da sociedade encontraram brechas e exploraram as margens estreitas do regime para protestarem e reivindicarem direitos. São essas ações de que trataremos a seguir.

A contestação nas artes

"Mais que nunca, é preciso cantar", sugeria a voz de Nara Leão no musical *Opinião*, onde ela expressava com seu canto os desejos de todos que se opunham ao Golpe de 1964: esperança e resistência. A cantora subia no palco com

dois compositores de origem popular, o carioca da zona norte Zé Kéti e o maranhense João do Vale. Sem dúvida, se tratava da primeira resposta, de cunho artístico, ao Golpe. O nome da peça resume o conteúdo da arte nesse momento: ela se faria tanto mais expressiva quanto mais se tivesse “OPINIÃO”, quanto mais ela se fizesse instrumento para a divulgação de conteúdos políticos e sociais de protesto.

Não só essa peça, mais outras, como “*Liberdade, Liberdade*”, encenada no Teatro Arena, e *O Rei da Vela*, no Teatro Oficina, mostravam o ambiente cultural de busca de mobilização do público, de denúncia e de renovação da linguagem artística, fazendo-a uma amostra da realidade difícil da maioria do povo brasileiro.

No cenário musical, em 1967, acontecia o III Festival da Música Popular Brasileira que marcou a música nacional, devido ao surgimento do Tropicalismo. As músicas “*Alegria, Alegria*”, de Caetano Veloso e “*Domingo no Parque*”, de Gilberto Gil, trazem um modo original de compor, de organizar arranjos e de cantar.

No arranjo da música de Gil, encontram-se mesclados elementos da tradição popular, da tradição mais culta e o que havia de mais avançado na técnica da música internacional. A canção de Caetano traz à tona o cotidiano da cultura urbana do momento: bancas de revista, fotos e nomes, telefone, entre outros elementos. Destaca-se ainda uma tomada de posição crítica quanto aos rumos da MPB e uma crítica comportamental: a família, o casamento, a sexualidade, passam a ser problematizados. Percebe-se certa presença dos movimentos *hippie* e da *contracultura* que nesse momento influenciavam jovens em todo o mundo.

“Caminhando contra o vento

sem lenço sem documento

no sol de quase dezembro

eu vou

(...)

o sol se reparte em crimes

espaçonaves guerrilhas

em cardinales bonitas

eu vou (...)

por que não? por que não?”

(Caetano Veloso, *Alegria Alegria*)

Outros exemplos dessa criação cultural contestatória observamos no cinema e no teatro. O cinema traz para as telas a miséria de um povo sem direitos mínimos, como nos trabalhos de Cacá Diegues e Glauber Rocha. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena procuram dar ênfase aos autores nacionais e denunciar a situação do país.

Importante

Sérgio Porto, sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, publicou o FEBEAPÁ (Festival de Besteiras que assolam o país) - um inventário com os absurdos praticados pelas autoridades brasileiras:

"Foi então que estreou no Teatro Municipal de São Paulo a peça clássica Electra, tendo comparecido ao local alguns agentes do DOPS para prender Sófocles, autor da peça e acusado de subversão, mas já falecido em 406 a.C."

"Em Campos houve um fato espantoso: a Associação Comercial da cidade organizou um júri simbólico de Adolph Hitler, sob o patrocínio do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Ao final do julgamento, Hitler foi absolvido."

O movimento estudantil

As manifestações de rua contra o regime militar aumentaram em 1968 com a indignação diante da morte do estudante secundarista Edson Luís. O crime aconteceu durante a repressão policial a um protesto, realizado no Rio de Janeiro, contra a qualidade da alimentação fornecida aos estudantes pobres no restaurante Calabouço. A data de sua morte passou a marcar *O Dia Nacional da Luta* – no âmbito estudantil –, com a realização de passeatas e manifestações anualmente, e deu nome ao jornal da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas – RJ (AMES) – “Jornal 28 de março”.

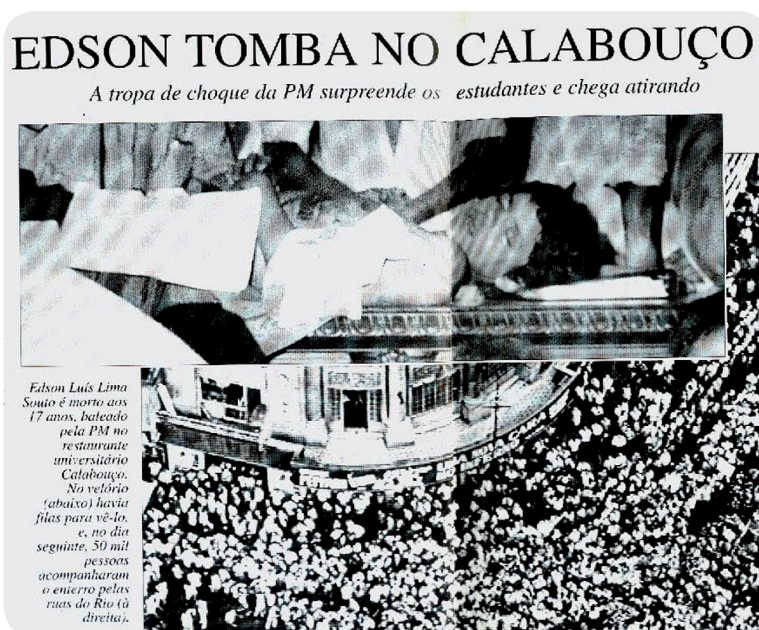


Figura 12: Jornais noticiam a morte do estudante Edson Luís.

O ponto alto da mobilização da sociedade na luta pela democratização foi a passeata dos Cem Mil, realizada no Rio de Janeiro. Não só estudantes, mas artistas, trabalhadores, setores da Igreja e da classe média, estiveram presentes. Agora, eram os filhos da classe média que saíam às ruas. Não para apoiar o golpe civil-militar como em 1964, mas sim, para repudiar o regime estabelecido.



Figura 13. Passeata dos 100 mil.

“Tem dias que a gente se sente

Como quem partiu ou morreu

A gente estancou de repente

Ou foi o mundo então que cresceu

A gente quer ter voz ativa

No nosso destino mandar

Mas eis que chega a roda viva

E carrega o destino pra lá...”

(Chico Buarque de Holanda, Roda Viva)

As organizações da esquerda armada: a guerrilha urbana e a rural

Depois do AI-5, com as perseguições e prisões, muitos militantes do movimento estudantil ingressariam na luta armada.

Com forte atuação nos centros urbanos, entre 1968 e 1973, podemos destacar a ALN (Ação Libertadora Nacional) que nasceu da cisão do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Dentre suas estratégias de atuação podemos citar os sequestros para conseguir recursos financeiros e a libertação de companheiros de luta. A história desta organização está atrelada ao nome de **Carlos Marighella**, antigo dirigente do PCB. Marighella foi uma das vítimas da repressão contra os opositores do regime militar, sendo executado em 4 de novembro de 1969, em São Paulo. A repressão e as prisões dos guerrilheiros comprometeram a sobrevivência do grupo, que se desarticulou em 1974.

Apesar de alguns setores das esquerdas defenderem propostas de luta armada para alcançar o socialismo, após o AI-5, atos violentos, inclusive com mortes, seriam promovidos. A ação mais espetacular das muitas organizações da esquerda armada foi o rapto do embaixador dos EUA no Brasil. Essa foi uma das ações de maior ressonância, com a leitura de um manifesto em cadeia nacional de televisão, conseguindo a libertação de quinze presos políticos, que seguiram para o México. Todo esse episódio foi relatado no livro *O que é isso companheiro*, de Fernando Gabeira, transportado para as telas de cinema, em 1997, no filme homônimo, dirigido por Bruno Barreto.

O sucesso dessa iniciativa levaria, nos anos seguintes, ao sequestro de outros diplomatas estrangeiros para trocá-los por prisioneiros políticos. Depois da promulgação do AI-13, a pena para os sequestradores seria o banimento do território nacional.

Durante o governo do General Médici (1969-1974) e em parte do governo do General Geisel (1974-1979), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) organizou destacamentos guerrilheiros nas localidades de Xambioá e Marabá, no Pará, posicionando-se como resistência armada à ditadura. Contra eles, a *linha dura* insistiu em investidas mais fortes e conseguiu a aplicação de quatro caças de combate T-6, quatro helicópteros UH, três aviões Búfalo, um C-47 e quatro aviões D-19. Alguns depoimentos de militares indicam a utilização de **napalm**, além de um efetivo de homens estimado em dez mil.

Vocabulário

Napalm: Mistura de substâncias viscosas e petróleo (ou similar combustível), usada como armamento militar. Quando usada contra uma pessoa, essa arma se gruda à pele humana, incendiando-se e, conseqüentemente, causando severas queimaduras.

Num primeiro momento, a repressão fez prisioneiros. Na medida que as forças militares perceberam que a guerrilha se enfraquecera, os militantes passaram a ser caçados e assassinados. Ainda hoje seus familiares lutam para saber o destino dos corpos.



Figura 14: No mapa, em amarelo, a região do Araguaia. No círculo, a área de enfrentamento entre guerrilha e exército (1972-74).

No interior do país destacou-se a Guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1974, sob a direção do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Os integrantes defendiam o fim da exploração dos grandes proprietários de terras sobre os trabalhadores rurais e afirmavam que a tomada do poder deveria começar em áreas rurais, ganhando com isso, a adesão de parte da população camponesa local. A ditadura militar reagiu e enviou para a região tropas que agiram com extrema violência contra os rebelados: muitos moradores da região foram presos e espancados e a campanha militar terminou com a morte de inúmeros guerrilheiros. Acredita-se que metade do número total de desaparecidos políticos no Brasil se refere aos guerrilheiros do Araguaia.



Figura 15: Grupo de guerrilheiros no Araguaia, década de 1970. Corpos de guerrilheiros mortos com as mãos amarradas, observados por militares.

O tema “Esquerda Armada” ainda é polêmico. Alguns acusam a guerrilha de ter “endurecido” a ditadura militar com seus atentados, dando a eles uma desculpa para não abrir o regime. Outros afirmam que, em nome da justiça e da igualdade social, a esquerda armada também cometeu crimes e outras arbitrariedades. Tal como dizia o manifesto publicado pelos guerrilheiros na negociação da soltura do embaixador norte americano: “Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente.”

A imprensa alternativa

No final dos anos 1970, o regime era questionado não somente pelo MDB, como também pela oposição de outros segmentos da sociedade. Os fatos que eram abafados na imprensa, seja pela censura, seja pela simpatia na defesa do regime pelos empresários dos meios de comunicação, cada vez mais vinham a público. Exemplo disso foram as denúncias de torturas e assassinatos cometidos pelos órgãos de repressão, como a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, e do operário Manoel Fiel Filho, em 1976.

O semanário carioca *O Pasquim* é um dos maiores exemplos da imprensa chamada, na época, alternativa (contrastando com a grande imprensa) ou imprensa nanica (devido às mínimas equipes e tiragens). Oposição ferina e descontrainda ao regime militar, O Pasquim reuniu nomes como Henfil, Jaguar, Ziraldo, Sérgio Cabral, Millôr, Paulo Francis e Paulo de Tarso. Foi censurado e perseguido, com sua equipe de redação sofrendo uma prisão coletiva, mas deixaria um legado que inspiraria outras publicações.

O jornal *Brasil Mulher* foi um desses exemplos. Jornal feminista, editado em Londrina, com **sucursais** no Rio e em São Paulo, junto com outros periódicos como *Nós Mulheres* (1976) e *Mulherio* (1981), defenderam uma concepção

alternativa de política, que articulava a luta geral pelo socialismo com a luta pela emancipação das mulheres. A valorização do cotidiano, as relações pessoais, a subjetividade, as experiências de vida foram algumas das inovações que esses jornais trouxeram.

Numa outra direção, surgiram jornais voltados para homossexuais no final da década de 70. Esses jornais buscavam politizar a questão do homossexualismo e inseri-la numa luta mais ampla, afirmando que uma sociedade livre seria aquela que permitisse a livre opção sexual e o livre exercício do prazer. Destacam-se os jornais *Gente Gay*, da Aliança de Ativistas Homossexuais, lançados em 1977; o jornal *Boca da Noite*, lançado em 1980; e o *Lampião da Esquina*, lançado em 1981. Todos eles do Rio de Janeiro.

No final dos anos 1970, ganha força a “Imprensa Negra”. Esta imprensa representou o renascer do movimento negro no Brasil, após a repressão indiscriminada dos primeiros anos do regime militar, e espelhou os principais debates e pontos de conflito dentro deste movimento. Em torno de jornais como *Sinba* (1977), *Tição* (1978) e *Koisa de Crioulo* (1981), se consolidou um grupo de militância que teve grande importância nos anos posteriores.

Apesar da vigência da censura, a imprensa alternativa construiu um espaço em que as diferentes reivindicações dos movimentos sociais – feminista, gay e negro – somente seriam alcançadas com a derrubada do regime autoritário.

Os movimentos de trabalhadores da cidade e do campo

Além disso, se fortalecia uma nova oposição: a sindical. A primeira greve, desde o AI-5, foi protagonizada pelo sindicato dos metalúrgicos do ABC paulista - região formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano. Essa greve representou a adesão da classe trabalhadora à luta contra o regime. O presidente Figueiredo decreta a intervenção nos sindicatos de metalúrgicos e muitos dirigentes foram presos, dentre eles, Luiz Inácio “Lula” da Silva. Contudo, devido às pressões da sociedade, a ordem de prisão foi suspensa e os sindicalistas presos foram libertados. Assim, multiplicam-se as greves, principalmente no ABC paulista. Dos movimentos de trabalhadores organizados emerge o “novo sindicalismo” — em cujo campo surgiu o PT (1980).

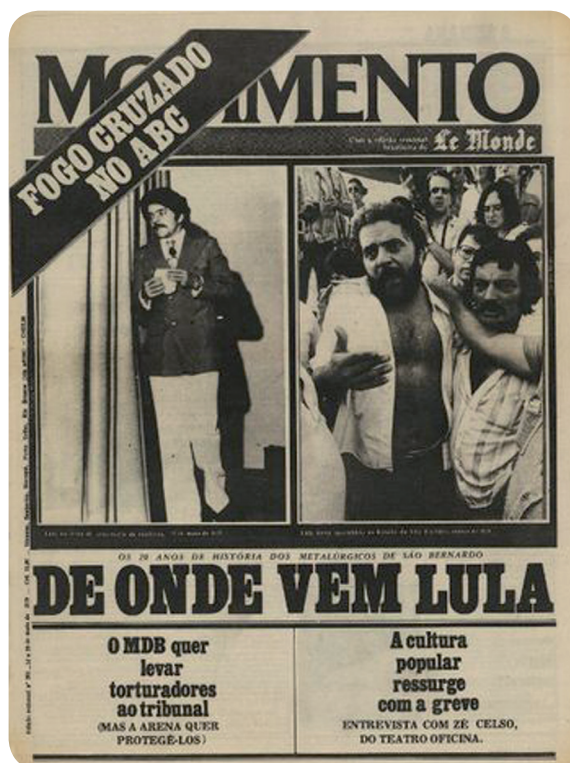


Figura 16: Jornal "Movimento", anunciando uma matéria sobre Luiz Inácio Lula da Silva.

No campo, as ocupações de terra se intensificam a partir de 1979. O avanço dessas lutas leva à fundação do MST (Movimento dos Sem Terra), em 1984, organização que hoje é referência para movimentos sociais de esquerda em toda a América Latina, no campo e na cidade.

Toda essa resistência aponta para a importância que teve a participação popular na garantia da reabertura política no país.



Saiba Mais

Comissão da Verdade

Instalada em 16 de maio de 2012, no governo Dilma, a partir da criação da Lei n.º 12.528, de 18 de novembro de 2011, a Comissão da Verdade tem por objetivo apurar a violação de direitos humanos, no período entre 1946 e 1988.

Durante a cerimônia de posse aos sete integrantes da comissão (Cláudio Fonteles, Gilson Dipp, José Carlos Dias, João Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro e Rosa Maria Cardoso da Cunha), Dilma destacou que a comissão não tem por princípio o revanchismo ou é movida pelo ódio; pelo contrário, destacou que sua instalação procura fazer com que o Brasil conheça a totalidade de sua história: *"A ignorância sobre a história não pacífica, pelo contrário, mantém latente mágoas e rancores"*. Com a missão de apurar os crimes e violações dos direitos humanos durante o período militar, a comissão terá o prazo de dois anos para realizar as investigações necessárias.

Mais do que levantar ou expor os crimes contra os direitos humanos praticados pelas ações nefastas dos "porões" da Ditadura, a Comissão da Verdade pode proporcionar ao Brasil uma chance única: a cicatrização de feridas ainda abertas em nossa sociedade, resultado das iniciativas violentas dos governos militares e que ainda hoje clamam ser solucionadas.

Saiba Mais



Essa é a página oficial da Comissão da Verdade. Nela, você pode ter acesso a todas as investigações que são realizadas pelo grupo. Acesse: <http://www.cnv.gov.br/index.php>

Como se deu o fim da Ditadura?

O processo de abertura política da ditadura militar brasileira teve início durante o governo do general Ernesto Geisel (1974-1978), aprofundando-se no governo de João Figueiredo (1979-1985). Na seção 3, você viu alguns dos movimentos da sociedade a favor da abertura política durante esse período, cite um deles.

Atividade
3

Anote suas
respostas em
seu caderno

Multimídia



O site *Brasil: Nunca Mais Digital* tem um dos acervos mais completos acerca dos crimes do período ditatorial brasileiro. Vale a pena conferir! Acesse: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/#/>

Resumo

- Nas décadas de 1960 e 1970, a América Latina sofreu diversos golpes de estado que conduziram a regimes autoritários de direita.
- Essas ditaduras violaram sistematicamente diversos direitos humanos, promovendo a censura, a repressão e a violência contra seus críticos e opositores.
- As sociedades latinoamericanas desenvolveram diversas formas de contestação que contribuíram para a retomada da ordem constitucional e democrática. O caso brasileiro exemplifica muito bem esse processo.
- Os 21 anos do regime militar só foram derrotados graças à ação de diversos movimentos de resistência nos quais se engajaram artistas, estudantes, políticos, trabalhadores do campo e da cidade e diversos outros grupos que lutaram por seus direitos.
- Apesar do sucesso dessas lutas e do fim da ditadura, a democracia é um bem que ainda precisa ser aperfeiçoado no nosso país e no continente.

Filmes:

- *Jango*. Direção de Silvio Tendler. Brasil, 1984. Documentário, 35mm, 117 min., Caliban. Narração de José Wilker.
- *O Sol: caminhando contra o vento*. Direção de Tetê de Moraes. Brasil, 2005. Documentário, 35mm, 95 min., Vemver.
- *Hércules 56*. Direção de Silvio Da-Rin, 2006. Documentário, 35mm, 94 min., RioFilme.
- *Tancredo: a travessia*. Direção de Silvio Tendler. Brasil, 2010. Documentário, 120 min., Intervideo Digital.

REFERÊNCIAS

- CHASTEEN, John Charles. *América Latina*. São Paulo: Campus, 2002.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia. *O Brasil republicano*. 4 Vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. (orgs.). *As esquerdas no Brasil*. 3 Vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FICO, Carlos. "Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar". *Revista Brasileira de História*, vol. 24, nº 47, p. 29-60, 2004
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editores, 2000.

- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Ana Maria. "América Latina: Dependência, ditaduras e Guerrilhas". In: AARÃO Reis et Alii (Org.) *O Século XX. Volume III*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Imagens

Figura 1: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Guanabarasandbag.jpg>

Figura 3: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=36048>

Figura 4: <http://www.tvufg.org.br/wp-content/uploads/2012/03/o-dia-que-durou-21-anos.jpg>

Figura 5: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Castelobranco.jpg>

Figura 6: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Costa_e_Silva.jpg

Figura 7: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Garrastazu_m%C3%A9dici.jpg

Figura 8: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_1970.JPG

Figura 9: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ernesto_Geisel.jpg

Figura 10: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Figueiredo.jpg>

Figura 11: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ABr17062013TMZ0029.jpg>

Figura 12: <http://www.rebeliao.org/2013/03/28/491/>

Figura 13: <http://www.bradoretumbante.org.br/sites/default/files/passeatadoscemmil.jpg>

Figura 14: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerrilha_do_Araguaia

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerrilha_do_Araguaia

Figura 16: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37099>

Figura 17: <http://www.cnv.gov.br/index.php>

Figura 18: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/#/>

Atividade 1

- a. O reconhecimento das organizações Globo de que apoiou o golpe de 1964 e que o editorial exaltando a tomada de poder por um regime civil-militar foi um erro.
- b. Sim, como o texto destaca, *O Globo* não foi a única instituição a concordar com a intervenção dos militares em 1964, outros grandes jornais da época também o fizeram, como "O Estado de S. Paulo", a "Folha de S. Paulo", o "Jornal do Brasil" e o "Correio da Manhã". Da mesma forma, parcela importante da população apoiou o golpe civil-militar, através da expressa adesão em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

Respostas
das
Atividades

Atividade 2

- a. Durante o regime militar, o futebol foi importante ferramenta de propaganda dos governos ditatoriais. No governo Médici, a conquista da Copa do Mundo em 1970 foi utilizada para alavancar seu governo, exaltar o Brasil e diminuir as vozes da oposição.
- b. Slogans como "Brasil Ame ou Deixe-o", "Ninguém segura este país" foram criados dentro desse contexto e ajudaram a construir um sentimento de nacionalismo acentuado, provocando verdadeiros antagonismos na sociedade brasileira. Isto é, amar o Brasil era, acima de tudo, compactuar com as ações do governo e não boicotar ou criticar qualquer questão que envolvesse o Brasil, inclusive o futebol.

Atividade 3

Você pode citar as ações de contestação nas artes, os movimentos de trabalhadores da cidade e do campo, as ações da imprensa alternativa com publicações como do *Pasquim*, algumas das organizações da esquerda armada ou ainda destacar o movimento estudantil e as Diretas Já.

Respostas
das
Atividades



O que perguntam por aí?

Questão 1 (Enem 2010)

A gente não sabemos escolher presidente/ A gente não sabemos tomar conta da gente/ A gente não sabemos nem escovar os dentes/ Tem gringo pensando que nós é indigente/ Inútil/ A gente somos inútil

MOREIRA, R. Inútil. 1983 (fragmento).

O fragmento integra a letra de uma canção gravada em momento de intensa mobilização política. A canção foi censurada por estar associada:

- a. ao rock nacional, que sofreu limitações desde o início da ditadura militar;
- b. a uma crítica ao regime ditatorial que, mesmo em sua fase final, impedia a escolha popular do presidente;
- c. à falta de conteúdo relevante, pois o Estado buscava, naquele contexto, a conscientização da sociedade por meio da música;
- d. à dominação cultural dos Estados Unidos da América sobre a sociedade brasileira, que o regime militar pretendia esconder;
- e. à alusão à baixa escolaridade e à falta de consciência política do povo brasileiro.

Gabarito: B

Questão 2 (Uerj 2011)

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões

Sob os meus pés os caminhões

Aponta contra os chapadões

Meu nariz

Eu organizo o movimento

Eu oriento o carnaval

Eu inauguro o monumento no planalto central

do país

(...)

O monumento não tem porta

A entrada é uma rua antiga, estreita e torta

E no joelho uma criança, sorridente, feia e morta

Estende a mão

(...)

Disponível em www.caetanoveloso.com.br

O disco e a música Tropicália tornaram-se símbolos do “Tropicalismo”, movimento protagonizado por artistas e intelectuais, no Brasil, em finais da década de 1960.

Esse movimento destacou-se, principalmente, pela seguinte proposta:

- a. valorização do pluralismo cultural;
- b. denúncia das influências estrangeiras;
- c. enaltecimento da originalidade nacional;
- d. defesa da homogeneização de comportamentos sociais.

Gabarito: A

Questão 3 (UERJ - 2010)

Para nós, operários, milagre é conseguir sobreviver com os baixos salários que recebemos. Para isso, somos obrigados a trabalhar 12 a 13 horas por dia, e muitos trabalham aos domingos, o que significa, na prática, o fim de uma das maiores conquistas da classe operária: a jornada de 8 horas e o descanso semanal.

Manifesto da Oposição Metalúrgica de São Paulo, 1975.

Apud PAES, Maria Helena Simões. *Em nome da segurança nacional: do golpe de 64 ao início da abertura*. São Paulo: Atual, 1995.



In: Nosso Século, nº 78. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Entre 1969 e 1973, em função das taxas de crescimento então alcançadas, o momento econômico do país ficou conhecido como “milagre brasileiro”.

Com base no testemunho do movimento operário e na publicidade, pode-se concluir que os principais efeitos do “milagre brasileiro” foram:

- (A) elevação do PIB – expansão dos sindicatos;
- (B) nacionalização da indústria – revisão das leis trabalhistas;

(C) modernização da tecnologia – qualificação da mão de obra;

(D) internacionalização da economia – concentração de renda.

Gabarito: D

